

É Cesta!

Um time que recomeçou do zero, após as conquistas do Campeonato Paulista de 1999 e o Campeonato Brasileiro de 2002. Daquele sonho que acabou logo após o título do Brasileiro, apenas Guerrinha, o ex-jogador que se tornou técnico campeão por Bauru, retornou. Junto ao técnico, que agora também é gestor, a vontade de formar um time de basquete em uma cidade que possuía o gosto pela modalidade, mas o tinha adormecido dentro de cada um.

É a história desse jogo, que começa em 2007 e resgata a identidade entre o basquete e a cidade, que você conhecerá. Essa partida você não pode perder. Compre seu ingresso, ache o seu lugar nas arquibancadas e bom jogo.

Karla Torralba

É Cesta! Treze jogadores, uma identidade



Karla Torralba

Karla Torralba

Orientação: Professor Doutor Cláudio Bertolli Filho

É Cesta!

Treze Jogadores, Uma Identidade

Livro-Reportagem desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso, mediante aprovação, no curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), no campus da Unesp, em Bauru.

Bauru

2011

Agradecimentos

Para que este projeto saísse do papel entrasse em quadra e virasse um livro, muitas pessoas participaram, as quais sem elas o livro não teria sido feito.

Agradeço aos profissionais da área de jornalismo e amigos Cristiano Zanardi, Gustavo Longo, Juliana Lobato, Luly Zonta, Bruno Gonçalves e Rafael Antônio pela colaboração, histórias e materiais gentilmente cedidos para compor este jogo. Também é necessário agradecer a toda equipe, comissão técnica e diretoria do Bauru Basquete, que permitiram a realização deste através de entrevistas.

Sumário

Conheça esse jogo

- *Apresentação* P. 7
- *Primeiro Quarto* P. 11
- *Segundo Quarto* P. 22
- *Intervalo* P. 42
- *Terceiro Quarto* P. 51
- *Quarto Quarto* P. 62
- *Prorrogação* P. 80
- *Vestiários* P. 95

Apresentação

Um time simples, que recomeçou do zero, após as conquistas do Campeonato Paulista de 1999 e o Campeonato Brasileiro de 2002. Daquele sonho que acabou logo após o título do Brasileiro, apenas Guerrinha, o ex-jogador que se tornou técnico campeão por Bauru, retornou. Junto ao técnico, que agora também é gestor, a vontade de formar um time de basquete em uma cidade, que possuía o gosto pela modalidade, mas o tinha adormecido dentro de cada um.

Entenda-se por “cada um” aqueles que vivenciaram os tempos áureos, aqueles que acompanharam nas arquibancadas o time campeão definhando, aqueles que não deixaram o esporte no momento da crise e colocaram dinheiro na equipe mesmo com esta prestes a fechar as portas.

O jogo que vai ser narrado a partir de agora é sobre o retorno, em 2007, de um coma induzido pela falta de investimento de patrocinadores, que viraram as costas ao basquete ou que não poderiam investir em um time naquele momento.

Este reinício veio através de Guerrinha e da empresa internacional do ramo de alimentos GRSA. Assim o Bauru Basquete ressurgia após um ano parado.

Com o técnico e o dinheiro, a torcida pôde voltar

a saborear e sonhar com o esporte que havia sido interrompido de uma forma brusca. Mas uma coisa é certa: o gosto da cidade pelo time jamais parou.

São esses momentos, recheados por histórias de cada um que vive o mundo do basquete que você vai poder conferir nas próximas páginas.

Até o momento, muito se fala da relação de amor da cidade com o basquete, mas essa grande identificação, que por vezes é maior do que com o futebol, nunca fora documentada. É tudo falado de “boca em boca”, visto nas quadras, no dia-a-dia de cada um que participa desse esporte, mas nada escrito. E para que esse time continue na história, por gerações de bauruenses, é preciso documentar a história dele e é exatamente o que o livro propõe.

Ao colocar os pés dentro do ginásio é difícil não voltar, porém mais difícil ainda é não se apaixonar pelo time, que parece mais uma família pela união, pelo compartilhamento de tempo, de espaço, de problemas e alegrias. Os problemas existem, mas não existe família perfeita, ainda mais no esporte, objeto de amor de todos, mas que demanda algo além: dinheiro, apoio.

Essa relação de família e de identificação que o time do Bauru Basquete estabelece com a cidade se dá pela essência da identidade de cada indivíduo que se modifica conforme ele se encontra no mundo.

A identidade vai se modificando conforme o indivíduo é exposto aos vários tipos de ambiente e culturas diferentes. É isso que torna possível que um time esportivo, por exemplo, crie uma relação forte de

identificação com uma cidade ou país, mesmo sendo formado por pessoas que vieram de outros grupos sociais e até mesmo de outros países. A identidade social e cultural distinguem os indivíduos e permitem que eles se encontrem em determinado espaço.

A identidade pode ser mudada de acordo com a exposição da pessoa no determinado grupo desde que esta tenha relações em comum com outros indivíduos que fazem parte deste grupo. É isso que o esporte proporciona e isso é característica do Bauru Basquete.

Cada participante do projeto tem objetivos em comum, o time, e sofre com as mesmas dificuldades desde que o time patrocinado pela Tilibra/Copimax foi Campeão Brasileiro. Algumas vezes mais por conta dos resultados não serem tão bons; outras vezes menos, quando as vitórias são capazes de camuflar o pior dos problemas. Mas uma coisa é indiscutível: na quadra a equipe continua cativando os torcedores e isso transcende as paredes do ginásio. No Bauru Basquete os jogadores são bauruenses de sangue e de coração e os protagonistas desta história. São treze jogadores e uma identidade criada pela modalidade.

As raízes mais distantes

Não é o intuito deste livro penetrar nas décadas mais distantes do basquete em Bauru. Vale lembrar, porém, que além do basquete masculino promovido na cidade que sobrevive pela boa vontade e paixão de empresários e teve seu ápice em 2002 com o título de campeão brasileiro, a cidade foi berço de gerações mais antigas. As mulheres passaram por aqui e até hoje são lembradas pela torcida.

Um dos nomes mais lembrados ao se falar de basquete feminino em Bauru é o da bauruense Simone Bighetti e o de Suzete Gobbi, que hoje mora na cidade. Simone teve o seu talento constatado na escola e foi chamada para compor o time profissional do Luso. Em 1970, a armadora foi chamada pela primeira vez a fazer parte da Seleção Brasileira Feminina, onde representou a cidade sem limites por 10 anos.

Hoje, o basquete ainda a envolve. Todos os jogos do Bauru Basquete contam com a presença ilustre. Ela participa das partidas como mesária, fazendo o scout (estatísticas) dos jogos.

No caso de Suzete, ela não nasceu em Bauru, mas jogou. Foi o suficiente para que a cidade literalmente conquistasse o coração da jogadora. Foi por aqui que ela conheceu o atual marido: César Gobbi.

Apesar de não ser bauruense, Suzete também levou o nome da cidade para o patamar mais alto: o da Seleção Brasileira, na qual atuou de 1973 a 1986. Como jogadora, Suzete atuou em Bauru em 1971, quando jogou o campeonato juvenil pelo Luso e foi eleita a jogadora revelação.

Hoje, nos jogos do Bauru Basquete, a presença dela também é garantida, mas como torcedora.

Primeiro Quarto

Retomando à tradição

O basquete de Bauru viveu tempos áureos dentro de quadra entre 1999 e 2002 com o título de campeão paulista e de campeão nacional. A modalidade movimentou a cidade, lotou as quadras, mas entrou em coma em 2006 pela falta de patrocinadores. Muitos torcedores e dirigentes da época acharam que seria o fim do esporte em Bauru, mas, um ano depois, o recomeço estaria próximo e graças a um nome das antigas, que participou da trajetória campeã dentro de quadra.

Entretanto, antes de entrar no Bauru Basquete como é conhecido hoje, conheça um pouco do esporte na cidade, que se tornou famoso entre a população local bem antes dos títulos e da formação do clube de atletas profissionais.

Bauru tem uma grande tradição no basquete, que passa a crescer cada vez mais tornando-se o esporte o preferido da população a partir de 1956, quando a cidade recebeu os Jogos Abertos, na época disputado entre várias cidades, inclusive de fora do estado de São Paulo.

Desses grandes jogos, o basquete e o atletismo eram as estrelas. “Em 1956 Bauru formou um grande time. Sorocaba e Piracicaba tinham excelentes atletas e Bauru foi buscar jogadores de Sorocaba para montar a equipe”, contou Antônio Tidei de Lima, que foi jogador

de basquete na época. Ele era pivô e só deixou a modalidade, porque o lado político falou mais alto. Nesses jogos de 56, a cidade acabou perdendo para Campinas, mesmo com o bom time.

“Em 56 o basquete era uma das estrelas e não conseguiu vencer, então tinha uma espécie de ressaca. Mas vários jogadores que vieram de Sorocaba acabaram ficando aqui como o Rubens José Lopes, que ficou e passou a tomar conta da equipe do colégio Guedes de Azevedo.

Nessa esfera de reformulação um nome surge em Bauru: Raduan Trabulsi Filho. “Ele formou uma equipe juvenil e passou a monitorar. Foi graças a ele que em 1962 foi formada a primeira seleção de basquete em Bauru”, lembrou Tidei.

Antes disso, no entanto, o basquete era mais parecido com o futebol amador hoje, em que há várias equipes de uma mesma cidade disputando torneios. Havia equipes de bairros, do aeroclube, e outras. Todas disputavam o Campeonato Citadino.

Uma equipe também disputou os Jogos Abertos em Jundiáí em 1961. “Era uma equipe mista de adulto com juvenil e disputávamos com o nome do Noroeste e o uniforme do Sesc. O nome do Noroeste era porque o clube era o único inscrito na Federação Paulista de Basquete”, contou Tidei.

O time acabou campeão dos jogos juvenis do interior em 1963, em Araraquara. Esse time juvenil passou a representar a cidade, que já tinha uma identidade com o basquete. A modalidade levava o nome de Bauru para

fora, mas tudo sem a estrutura de clube. Eram ajudas da prefeitura, de sorteios e outros. “Por não ter a estrutura de clube era difícil”, comentou.

A década de 60 foi o marco do início forte do basquete na cidade graças à coordenação de Raduan Trabulsi e Omar Marra. A renovação seguiu até as décadas de 70 e 80. E em 1970 a Associação Luso Brasileira, a Luso, assumiu a equipe, dando a seriedade que faltava: o fator clube. “O basquete se aninhou no Luso, clube que segurou a peteca em períodos bons e ruins. Se não fosse o Luso, ia ter de vir gente de fora para tocar o time, que perderia muito a identidade com a cidade. O basquete sobreviveu graças ao Raduan Trabulsi, Omar Marra e diretores do Luso”, opinou Tidei, que contou que chegou a ir jogar basquete em outras cidades em dia de jogo transportado em carro de dirigentes do clube.

O Luso era o time de Bauru e o grande formador de atletas e foi através dele que surgiu o Bauru Basquete, na década de 1990.

“A primeira participação no Campeonato Paulista foi na década de 70 e naquela época o Paulista era muito forte com times bons como Corinthians e Palmeiras. O Corinthians chegou a vir jogar aqui, mas nós participávamos mais de torneios do interior”, relembrou Tidei, que chegou a receber convite para jogar na capital, mas preferiu sair do basquete para se casar e participar da política, em 1974. “O basquete começou a exigir mais tempo”, explicou.

As mulheres também foram evoluindo no esporte com a formação do primeiro time de basquete em 1956, mas que não foi bem nos Jogos Abertos em Bauru. A

cidade foi berço de jogadoras famosas, que atuaram na seleção brasileira.

Um dos nomes mais lembrados ao se falar de basquete feminino em Bauru é o da bauruense Simone Bighetti e o de Suzete Gobbi, que hoje mora na cidade. Simone teve o seu talento constatado na escola e foi chamada para compor o time profissional do Luso Brasileiro, time da época. Em 1970, a armadora foi chamada pela primeira vez a fazer parte da Seleção Brasileira Feminina, onde representou a Cidade sem Limites por 10 anos.

No caso de Suzete, ela não nasceu em Bauru, mas jogou. Foi o suficiente para que a cidade literalmente conquistasse o coração da jogadora. Foi por aqui que ela conheceu o atual marido: César Gobbi.

Apesar de não ser bauruense, Suzete também levou o nome da cidade para o patamar mais alto: o da Seleção Brasileira, na qual atuou de 1973 a 1986. Como jogadora Suzete atuou em Bauru em 1971, quando jogou o campeonato juvenil pelo Luso e foi eleita a jogadora revelação.

Toda essa história do basquete bauruense está adormecida na lembrança de cada um que a viveu, mas, apesar da história não ser contada a todo o momento, é ela que faz com que o time formado na década de 90 e que foi desmanchado nos anos 2000 tenha fãs “das antigas”.

Apesar dos tempos mais distantes da modalidade em Bauru serem ricos de contos, a autora não poderá perder o foco: o Bauru Basquete. Voltamos então ao clu-

be.

Em agosto de 2007, o técnico campeão nacional por Bauru à frente do Tilibra/Copimax, Jorge Guerra, o Guerrinha, retornou à cidade após quase 5 anos longe. O plano de Guerrinha, que começou a ser discutido 6 meses antes do anúncio oficial, despertaria todos os amantes da modalidade.

“Paulo Pires, presidente da GRSA (empresa do ramo de alimentos) na época (2007), me procurou falando que montaria um time na cidade de Bauru em função da empresa GRSA não ter nada na região e queria se estabilizar aqui, até pela empresa ser mundialmente conhecida. Conseguimos montar o time com o pessoal que a gente já conhecia na cidade, do basquete antigo, outros mais novos e com a verba da GRSA que trouxe também outros patrocínios. Fizemos a parceria com o Luso e fizemos o reinício do Bauru Basquete”, lembrou o técnico Guerrinha, que foi incumbido pelo patrocinador de buscar as pessoas e o time de acordo com a verba estabelecida.

O interesse da GRSA, no entanto, não havia sido despertado de forma instantânea. Guerrinha já havia procurado os representantes anteriormente, quando a Tilibra deixou o basquete. “Quando começou a ter problema na Tilibra e nós sabíamos que ia acabar o time, por minha esposa ser parente do Paulo Pires, eu falei para ele: Falei da empresa e ele falou que estava chegando no mercado e que naquele momento ele não poderia fazer nada, mas que um dia ele faria. E aí, depois de 7 anos, ele me procurou para fazer esse convite a retornar e eu fui gestor do time durante 6 meses planejando e fazendo estrutura de uma equipe pequena que fosse crescendo aos

poucos e também com estrutura de empresa”, explicou.

O primeiro ano: 2008

Com patrocínio e técnico, o novo time do Bauru Basquete precisava de uma nova diretoria, que foi definida ainda em 2007. Guerrinha procurou a pessoa que havia feito basquete por 6 anos consecutivos como presidente do Tilibra/Copimax, Caio Coube, que preferiu passar as honras para alguém de sua família que também vivenciara o basquete, seu irmão mais novo, Rodrigo Coube.

“A movimentação foi liderada pelo Guerrinha e passou pelo Caio, que foi quem o Guerrinha procurou. Houve um entendimento para montar uma nova estrutura e, naquele momento, os que sempre apoiaram o basquete de Bauru se reuniram. Nessa reunião detectaram que seria melhor novas pessoas e também detectaram que talvez eu seria um bom elo de ligação entre o antigo e o novo: pela idade e envolvimento histórico. As pessoas que lideraram pela primeira vez já não queriam mais ter a incumbência de fazer o basquete, não queriam mais a obrigatoriedade do dia-a-dia, queriam ser apoiadores. Eu me assustei, porque eu estava acompanhando o ensaio de retorno, mas achei que eu fosse ser apenas apoiador”, contou Rodrigo.

O irmão mais novo de Caio havia vivenciado a fase da modalidade em que o irmão foi presidente. Ele participou do dia-a-dia do elenco, opinou e aprendeu a fazer basquete. “Na época do Tilibra eu era como um diretor, mas como era mais novo, eu acabava sendo conselheiro das atividades. Eu dava opinião e participava de reuniões, mas não tinha função muito clara. Eu era quase que um

conselheiro do Caio e do Zé Martha (dirigentes). Como eu era mais novo, às vezes eles me ouviam e às vezes não, eu influenciava parte das decisões e acompanhava aos jogos dentro e fora de quadra ao longo daquela estrutura do Tilibra/Copimax”, explicou.

Apesar de já entender de administração de basquete, Rodrigo aceitou ser presidente pelo compromisso que pessoas ligadas à modalidade assumiram de o ajudar, como Vítor Jacob, seu vice-presidente, e Joaquim Figueiredo, diretor. “Assim eu aceitei o desafio e foi interessante, porque estava fazendo a gestão de um time que começou do nada”, ressaltou o ex-presidente, que lembra as dificuldades iniciais enfrentadas por aquele novo Bauru Basquete.

O primeiro torneio que o GRSA/Bauru participou em seu recomeço, em 2008, foi a Supercopa de Basquete, competição organizada pela Associação de Clubes do Basquetebol Brasileiro (ACBB), que envolvia os melhores clubes paulistas. A vaga foi conquistada após a assistência de um dos clubes e através de convite da associação. Todos concordaram e o torneio serviria para treinar o time para o Campeonato Paulista, que começaria no segundo semestre. Rodrigo só topou entrar nesse torneio com uma condição: que Bauru fosse direto para a A1 do Paulista. Através de manobras internas, isso foi possível. Tudo certo: jogadores contratados, torneio para disputar, mas ainda faltava algo: os uniformes.

As vésperas do primeiro jogo, o nervosismo bateu em Rodrigo Coube. “Eu aceitei participar desse torneio com a condição de ter a vaga na A1 pra não precisar disputar esse torneio e o A2. O time estava tão em formação que nós não tínhamos nem uniforme para jogar.

Eu avisei a eles. Perguntei que dia era o primeiro jogo e me falaram que seria em 12 dias, eu contei que meu uniforme estaria quase pronto e era um risco se parte do jogo fosse para a TV, mas completei avisando que o time estava pronto. O Guerrinha ficou assustado com a ousadia e falei que era um passo ousado e não maior que a perna. Meu uniforme ficou pronto em cima da hora e conseguimos jogar. Conseguimos o retorno à A1 e já começamos na elite, o que permitiu que a gente ganhasse tempo importante na evolução do basquete. Esse foi um momento muito marcante, porque foi logo no começo, depois de ficarmos um ano sem o basquete”, destacou.

A estreia veio e as partidas seguintes também. Ao final do torneio, o time ficou em sétimo de oito equipes.

Com os testes do primeiro semestre, a equipe seguiu para começar o Campeonato Paulista, em setembro. A estreia foi contra o Guarujá, no Luso, o resultado: vitória por 85 a 79.

Pouco antes de estreiar no Paulista, no entanto, um jogador chegou a Bauri. O norte-americano Larry Taylor era desconhecido da torcida, que mal sabia, mas ele se tornaria o maior ídolo da atual fase. Larry foi apresentado no início de agosto de 2008.

Rodrigo Coube lembra que a contratação do ar-mador marcou. “A maneira com que se deu a contratação do Larry foi marcante. Eu fui ao Rio de Janeiro para conversar com o empresário dele, um peruano radicado no Brasil”.

O primeiro Campeonato Paulista terminou para o GRSA nos *playoffs*, quando perdeu para Franca em uma

série de quatro jogos que terminou em 3 a 1. Mas as surpresas de 2008 ainda não haviam terminado.

Em dezembro foi criada a Liga Nacional de Basquete e o novo Campeonato Nacional, o NBB (Novo Basquete Brasil). Para a felicidade dos bauruenses, o GRSA era uma das 15 equipes que participariam da competição, que se iniciou em janeiro de 2009.

Uma semana antes da estreia no NBB, um novo patrocínio com cota master chegou para dar nome ao time ao lado da GRSA. Assim, o GRSA/Bauru passava a se chamar GRSA/Itabom/Bauru.

No NBB a estreia foi no dia 30 de janeiro contra o Universo de Brasília e Bauru saiu de quadra derrotado por 76 a 65. O jogo ocorreu na casa do adversário. O campeonato seguiu e a equipe bauruense passou para os *playoffs*, mas foi eliminada para o Minas, por 75 a 74, nas quartas-de-finais e terminou em sexto. “A primeira Liga Nacional foi marcante. Ficamos em sexto à frente do Franca. Nós havíamos jogado o Paulista e ficamos entre os 8 e isso nos garantiu no NBB. Depois ficamos entre os 8 primeiros na primeira Liga Nacional e fomos para os *playoffs* à frente de Franca, que está ininterrupta há 50 anos. Por último a gente foi fazendo um resultado de evolução por 2 anos até que entreguei o time no final de 2009, na semifinal do Paulista, quando o time jogou contra o São José dos Campos”, contou Rodrigo Coube.

Terminava, assim, a primeira fase após o retorno do Bauru Basquete.

Os ensinamentos do primeiro presidente

Rodrigo Coube, ao lado de Guerrinha e o restante da diretoria, que também teve Vitor Jacob e Joaquim Figueredo, conseguiu resgatar o basquete de Bauru. Em 2 anos, ele explicou quais foram os objetivos iniciais da equipe. “A gente tinha a missão de trazer os torcedores antigos, que iam ver o time Tilibra/Copimax na Panela de Pressão e percebemos que aos poucos conseguimos isso. Nesse retorno tinha limitação pelo espetáculo e de espaço. O Luso não era tão popular, não cabia tanta gente quanto na Panela. Mas o público começou a entender o nosso objetivo de retomar o basquete de maneira competitiva, de maneira sustentável. Tínhamos um time do tamanho do nosso orçamento, de maneira que mostrasse evolução, coração e identificado com o clube e com a cidade. Falávamos para os jogadores que tínhamos o projeto de retomar o basquete de Bauru e não era só para eles passarem por aqui”, relembrou e continuou.

“Não era uma coisa acomodada, era uma coisa progressiva e com o pé no chão, mas sonhando em melhorar, profissionalizar, melhorando a estrutura aos poucos e tentando criar novos grupos de envolvimento. Nós tentamos abrir a administração para que haja continuidade e acho que fomos felizes. Ficou bem estruturado e teve continuidade”, completou Rodrigo ao lembrar a sua primeira missão: ligar os antigos administradores e os que estariam por vir.

Rodrigo se tornou presidente do Conselho Deliberativo após sair da presidência do clube e opina menos no dia-a-dia do basquete, mas continua cobrando o Itabom/Bauru para que este se fortaleça cada vez mais, principalmente no setor administrativo.

Para o ex-presidente, a administração deve forte-

lecer a instituição Bauru Basquete para que em eventual crise a Itabom - junto com o presidente Pedro Poli - tivessem de sair, a estrutura burocrática esteja sustentada e outras pessoas possam entrar no projeto dando continuidade.

“Eu vejo a atual gestão com bons olhos. Acho que se profissionalizaram em algumas frentes, conseguiram envolver pessoas no projeto. Mas tem algumas coisas para serem feitas, inclusive tenho cobrado em algumas áreas em que precisam ficar mais atentos. Coisas administrativas que eu acho que precisam se acertar. No entanto, acho que na gestão o time evoluiu. Esse time está melhor do que quando entreguei. A estrutura está um pouco melhor, usaram estrutura do patrocinador para apoiar. Na minha gestão, o patrocinador dava recursos com a estrutura que estava lá e tínhamos de fazer basquete. Porém, nem tudo é perfeito. Tem que ter a parte burocrática de clube que tem que funcionar e acho que a diretoria não está tão atenta a esses detalhes. A estrutura de conselho, patrocínio, tem que se auto-movimentar. Sempre haverá pessoas e as pessoas tem que fortalecer a instituição para que a instituição continue e isso está claro pra mim, porque foi isso que eu fiz. O basquete não tem que ficar dependendo de mim ou de outro”, finalizou Rodrigo.

Segundo Quarto

Novos ares e antigos problemas

Em janeiro de 2010 encerrou-se a primeira fase do reinício do basquete bauruense. Rodrigo Coube deixou a presidência no final de 2009 e passou o bastão para Pedro Poli, homem que estava entrando na modalidade e se encantando aos poucos. A partir de 2010 o basquete passou a ter um presidente-patrocinador. Pedro é dono da Itabom, que ficou com a cota master no Bauru ao lado da GRSA. Nos tempos da GRSA “solitária”, esta entrava com o dinheiro e os rumos do esporte eram traçados por Rodrigo Coube.

O novo presidente foi entrando no basquete aos poucos: primeiro como investidor desconhecido, depois como patrocinador e hoje é um apaixonado. “O basquete é um desafio gostoso. No começo as pessoas me falaram que sou empresário, que tenho vários afazeres e preocupações e não era bom assumir mais um. Mas não é assim: quando você fica em um único negócio, é a mesma coisa de deixar alguém em uma floresta, pedir para que ele aponte uma árvore e ele não conseguir enxergar mais de uma. O basquete é um refresco para mim, uma retirada estratégica do meu dia a dia, do meu foco, para que me volte para um assunto legal, que é o esporte, e depois volto à empresa com a mente mais arrefecida. Eu não posso dizer que sempre vivi o basquete. Acompanhei mais na época do Oscar, do Guerrinha, do Israel, daquele time forte que o Brasil teve sendo Campeão do

Pan-Americano. Depois o basquete caiu no ostracismo e ficou abandonado. Para o bem foi criado a Liga Nacional de Basquete (LNB) e o que me atraiu muito foram as pessoas envolvidas na formação dessa liga. São empresários, que amam o basquete, pessoas idôneas. O bem atrai o bem. Fui atraído por essas pessoas que fazem o bem”, explicou o presidente.

Depois que a modalidade cativou Pedro, foi mais fácil Bauru cativá-lo. “Antes de vir assistir a um jogo em Bauru, eu pensava que viria em partida pequena e fiquei surpreso. Um dos responsáveis pelo meu espanto foi o estilo do jogo do Larry. Ele dá uma motivação a mais para quem está assistindo e fiquei surpreso com o nível não só de Bauru, mas de todas as equipes que competem”, ressaltou.

Ele, porém, não teve no basquete a sua primeira experiência no esporte. A Itabom começou a investir no marketing esportivo pelo esporte tradicional do Brasil, o futebol. A empresa foi patrocinadora do XV de Jau, mas se retirou após algumas decepções de cunho administrativo do futebol.

Voltando ao Bauru Basquete, o atual presidente foi “mordido pela mosquinha” que faz com que as pessoas se apaixonem pelo esporte bauruense. Como cartola, Pedro virou torcedor ilustre que apoia, irrita-se e até aconselha os atletas. “Os nossos jogadores são pessoas com quem tenho relação muito gostosa. Faço questão de ver treino quando posso, de participar, fazer pizzada na casa do Guerrinha, fazer churrasco em uma chácara que eu tenho na beira do rio Tietê, porque eles são de um nível muito legal. Mas é claro que eu me envolvo e me intrineto sim, principalmente quando acho que os jogadores

estão em uma partida e acham que ganharão a qualquer momento. O time é do Guerrinha, mas eu peço licença para ele e vou. O Guerrinha acha bom, porque só um falar às vezes não adianta. Então eu entro no vestiário, e quando tenho que dar bronca, eu dou. Só tem que ser com sabedoria e chamar os jogadores para a responsabilidade. Hoje temos um projeto que temos de ter muita responsabilidade e sermos determinados. É normal do ser humano um relaxamento, agora cabe ao técnico, que faz isso muito bem, e à diretoria dar um apoio para o pessoal se manter mais atento”, contou.

Há um ano à frente da administração da equipe, Pedro passa por momentos importantes a cada dia. Um jogo marcante para ele foi contra o Flamengo, no NBB da temporada 2009/2010. O duelo foi válido pela 11ª rodada do segundo turno do campeonato.

GRSA/Itabom x Flamengo em 2010 aos olhos do presidente:

“Nós estávamos jogando contra o poderosíssimo Flamengo aqui em Bauru. Era importante ganhar deles e estávamos ganhando até 4 segundos para terminar o jogo. A posse de bola era na lateral nossa: era jogar a bola para o Larry ou para o Fischer... mas não, jogaram a bola para o Jeff que acabou perdendo a bola e eles empatarem. Eu fiquei louco da vida, fiquei frustrado, fiquei inconformado de deixar essa oportunidade passar. Não podia deixar passar... Começou a prorrogação e no começo o Flamengo já estava a vários pontos na frente. O Jeff entrou no jogo com muita garra e fibra. Faltando poucos segundos, bola na mão e pensei: ‘não é possível que o raio caia duas vezes no mesmo lugar’, não caiu e aí conseguimos ganhar. Terminou a partida, eu entrei na

quadra feliz, comemorando e de repente eu vejo o 'seu Zé' (ajudante de quadra de 79 anos) num pique e ele veio para o meio da quadra e pulou no meu colo, ficamos rodando e ele falava 'seu Pedro, seu Pedro, ganhamos, ganhamos?... e ficamos rodopiando, comemorando. Foi uma cena muito legal. Para minha surpresa foi fotografia de capa de jornal. Foi muito legal essa coisa de união de igualdade: o presidente com o ajudante de quadra”.

Além de ser um episódio marcante pela situação do jogo, a cena relatada por Pedro com “seu Zé” no final e que rendeu foto em jornais bauruenses mostra a relação dentro do Bauru Basquete, uma relação de amizade e até de família, como será melhor discutido no Terceiro Quarto deste jogo.

Fora de quadra, o torcedor também é empresário e presidente. Com tais funções, os olhos de Pedro mudam e lamentam a falta de atenção com o esporte em geral por parte de patrocinadores e de autoridades municipais. O apoio financeiro ao basquete não é fácil, cada temporada é uma luta. Sozinho com a maior parte do investimento, o homem da Itabom sabe que com a classificação do Brasil para as Olimpíadas de 2012, a modalidade estará ainda mais na mídia, mas sabe que isso não é sinal de bons negócios.

“Cada vez está mais difícil, porque o esporte está crescendo. Hoje a gente compete com times poderosos. Quem é o Bauru hoje? São empresários voluntários que trabalham. Com quem competimos? Com cidades que têm a prefeitura como maior apoiador, bancando despesas; competimos com Flamengo que tem verba em torno de 7 vezes maior que a nossa; pega o clube Pinheiros, Paulistanos, Brasília, são clubes riquíssimos com muito

dinheiro e facilidade. Eles falam e o pessoal patrocina. Nós tiramos leite de pedra”, afirma. No entanto, nada de desânimo tanto como apaixonado como investidor.

“É um desafio que cada vez dá mais vontade de permanecer. Um homem vai muito longe depois de cansado. Não vamos cansar e espero que continuemos com gás. Já pensou se eu que sou o presidente falo que estou cansado?”, destaca.

Como maior financiador do Bauru Basquete hoje (2011) o presidente brinca ao ser questionado sobre o futuro do time caso a Itabom se retirasse: “Não sei (risos). Vem alguém melhor que eu, você não acha?”, pergunta o presidente, que assume tom sério em seguida. “É difícil. O nosso setor (frango) hoje está em uma crise mundial. Esta muito difícil para a Itabom, mas temos as nossas vendas crescendo, o consumidor, não se pode desistir em qualquer situação não favorável. Tem que manter porque tudo no mundo passa. Se depender da nossa condição financeira e o mercado voltar a reagir é intenção de ficar e fazer o projeto crescer. Esse projeto só está começando”, explicou.

O patrocínio não pode ser mantido sem amor e persistência. No primeiro ano de presidência de Pedro Poli o basquete deu prejuízo aos cofres da Itabom. “Basquete não dá dinheiro, dá prejuízo. O prejuízo à empresa chegou a 20% ano passado (2010), mas não desanimou, quando entra tem que fazer coisas em longo prazo. Tem que pensar que se todos quisermos ser imediatistas não dá. É tudo questão de esperar acontecer na hora certa”, finalizou.

As tormentas e as calmarias

A fase iniciada pela GRSA, mesmo que do zero em 2007, teve prazo de validade: quase três anos. Em 2010, o time começou uma nova época de incertezas com relação a patrocínios e dinheiro. E isso dura até hoje. Os períodos da modalidade profissional em Bauru são marcados por tormentas e calmarias, dependendo do mês: início, fim ou intervalo entre temporadas.

Para o basquete o ano termina em junho, quando acaba o Campeonato Nacional. É nessa fase, quando jogadores, comissão técnica e torcida estão imersos na tensão dos *playoffs*, que é preciso ter o maior equilíbrio emocional, principalmente dos cartolas. Sem tanto dinheiro como outras equipes, os diretores e o técnico Guerrinha utilizam diversos artifícios para conversar com os jogadores sobre contratos bem no meio da temporada.

“As conversas com os jogadores que queremos ficar têm que começar nos *playoffs* do campeonato, mas tudo sem tirar a atenção deles dos jogos decisivos. É uma coisa delicada, que cada um tem que falar um pouco com o jogador. O ideal é já assinar o contrato de renovação logo e tirar isso da nossa cabeça e da do jogador. O NBB termina em junho, em março já começamos a conversar. Esse ano (2011) o Pedro foi um herói, falou que podíamos conversar com quem quiséssemos. Mas o ano todo é uma busca grande por patrocínio”, explicou Vítor Jacob, que hoje é diretor técnico da equipe. No período de 2007 a 2009 Vítinho foi o vice-presidente do time.

Apesar da tensão, a maioria dos jogadores fica e o segredo está na cidade. A relação de identificação entre jogadores e torcida ainda pesa muito para que eles digam sim a Bauru. “Hoje o Larry não sai de Bauru para

jogar, por exemplo, no Pinheiros, onde ganharia mais. Ele está identificado com a cidade, aqui ele é ídolo. Lá no Pinheiros ninguém sabe quem é o Larry. É a mesma realidade do Flamengo. Fizemos os *playoffs* lá (2011) e tinha 200 pessoas assistindo ao jogo no ginásio. É diferente aqui: Larry, Jeff, Gui. Eles saem na rua e as pessoas sabem, admiram. Mesmo fora de Bauru. Em Rio Preto, tinha muito torcedor que queria tirar foto com o Larry e com o Douglas. Aqui o trabalho deles é muito mais reconhecido. O dinheiro é importante, mas eles têm identidade com Bauru. A nossa torcida é calorosa”, comentou o jornalista esportivo Rafael Antônio, que acompanha o basquete de Bauru desde 1996.

Vitinho pontua alguns itens relevantes na hora de conversar sobre renovação com os jogadores, mesmo que eles tenham oportunidade de ganhar mais dinheiro fora de Bauru. “O custo de vida aqui é menor, o ambiente na equipe é bom, o relacionamento com torcida, imprensa, são ótimos, a oportunidade de participar de um projeto vencedor como este, a nossa comissão técnica é a melhor do Brasil, não tem time com estrutura tão boa. Nem tudo é dinheiro para o jogador e enquanto ele puder estar crescendo, isto está valendo mais para cada um deles”.

Além das conversas para convencer os jogadores a ficarem na equipe, a busca por patrocinios é enorme e desgastante. O quarteto do basquete atual formado pelo presidente Pedro Poli, o vice-presidente Joaquim Figueiredo, o diretor técnico Vítor Jacob e o técnico Guerrinha vive em busca e apelo constantes por apoio financeiro.

“O começo de ano da gente é em maio, junho, esse ano a Itabom teve dificuldades no mercado, porque os

concorrentes jogaram no mercado interno. O preço do frango caiu e nosso dinheiro caiu, mas sempre todo mundo esteve junto no sentido de ir atrás e graças a Deus as empresas foram aparecendo na hora certa. O patrocínio com um tempo maior daria tranquilidade. Hoje em dia todos os nossos patrocínios são até maio, junho do ano que vem, então, chega junho, eu estou atrás de patrocínio para manter o time. Os jogadores estão de férias e eu correndo atrás”, contou Guerrinha.

Aos diretores, resta acreditar em um futuro financeiro melhor. Porém, algumas respostas jamais serão alcançadas como a da pergunta: “Por que o empresariado não apoia o basquete mesmo com a visibilidade que o time está tendo em campeonatos brasileiros, estaduais e até internacionais?”

“Se eu soubesse por que o time não consegue patrocínio, eu estaria feito. Falta um pouco de visão de que o esporte é a maior forma de educação, o jeito mais barato de tirar criança da rua. Talvez faltem empresas que tenham orçamento para bancar um projeto deste tamanho, não sei... A empresa teria de ter mais ou menos receita de 2 milhões de reais por ano, mas estou confiante de que na próxima temporada vai ser mais fácil. Nas férias é o período mais difícil”, comentou Vitinho.

Para Joaquim Figueiredo, a realidade dentro de quadra é reflexo do investimento financeiro menor. “A nossa realidade hoje é 5º lugar (conquistou no NBB 2010/2011). Em investimento, talvez nós sejamos os 6º, 7º”. O vice-presidente se mostra cansado da procura por empresários que aceitem investir no esporte. “Aqui em Bauru a gente já bateu em tanta porta, em que as pessoas teriam condições de ajudar e não se dispuseram a ajudar,

não conseguimos cativar. Nossos patrocínios hoje são por conta de bons relacionamentos. A Itabom foi pela Juliana (filha de Pedro Poli e casada com o filho de Joaquim, Augusto); a Claro foi pelo Vitinho, que era amigo; Unimed, foi o Vitinho também que um doutor é médico do filho dele”, lamentou.

“Bauru é cativante”

Ao perguntar sobre o futuro de cada um dentro do Bauru Basquete, nenhum jogador entrevistado afirmou a vontade de deixar o time e a cidade. O técnico Guerrinha é o primeiro a ficar, mesmo com os problemas de investimentos e o desgaste físico e mental ano a ano. “A gente vê a luta da diretoria para cumprir o dia-a-dia do time. Não que esteja faltando coisas, mas este ano renovamos contratos de atletas muito mais na credibilidade do time, da diretoria, do grupo e da vontade dos jogadores de ficar, do que por dinheiro. Dando exemplo do Larry, de mim também. Eu já tive proposta para ganhar o dobro e não ter esse desgaste do dia a dia, de ficar correndo atrás. Mas a gente é feliz aqui. Uma coisa é certa: do basquete eu nunca ficarei rico. Se eu quiser ser milionário, vou pra Europa. Mas fico onde sou feliz com as pessoas”.

No elenco de jogadores, começo a questionar cada um sobre os valores da cidade, da equipe sustentada principalmente pela Itabom. Primeiro: Larry Taylor, que chegou em agosto de 2008 a Bauru e é o maior ídolo da fase atual. O americano está muito bem no Brasil e em Bauru. “Não estou querendo sair do Brasil, estou muito feliz. Espero que dê certo a minha naturalização. Falta pouco. Acho que vai dar certo e vai me ajudar a ficar no Brasil. A minha família não veio ainda me visitar, mas eles querem e me apoiam. Eu contei para eles que seria

brasileiro e me deram os parabéns. Estou gostando de estar agora em Bauru. O que mais gosto são das pessoas, são todos legais e me tratam super bem, é o que eu mais gosto”, relatou Larry com o sotaque americano e o sorriso no rosto. Não é preciso ser amante de basquete para ser cativado por Larry, basta conversar um pouco com o armador.

O paulistano Fischer, outro ídolo principalmente pela facilidade nos arremessos de 3 pontos, planeja substituir família em Bauru. Na época ele estava casado com a patinadora Fabíola da Silva e queria trazer a mulher para viver na cidade. Ela mora nos Estados Unidos, país que oferece maior estrutura ao esporte que prática e é considerada a melhor do mundo, o patins in-line. “Adoro Bauru. Sou paulistano, mas não consigo morar mais lá, é um caos. Adotei Bauru como a minha cidade e vou trazer a Fabíola para cá. Vou ver se procuro um apartamento maior, mas a ideia é morar aqui. O único problema é que, você imagina: no basquete o incentivo é ruim e no caso dela é pior ainda. Ela é reconhecida em um monte de lugar, mas é difícil arrumar patrocínio. Se basquete não é bom, os esportes radicais são piores”, destacou. O casal acabou se separando em 2012.

Daniel Zilmer, o Gaúcho, é bauruense de coração. Ele estava no time em seu recomeço, com a GRSA e retornou em 2011. A cada palavra do jogador é possível sentir a relação de carinho dele com a cidade. Assim como Fischer, Gaúcho preferiu o interior e preferiu Bauru. “No interior, pela cidade abraçar o basquete, a gente é reconhecido e para o jogador é uma motivação a mais para jogar. Bauru é ótima e eu queria me aposentar aqui. Quero primeiro jogar fora do país, Europa, pela situação financeira, preciso ganhar mais. Basquete é uma carreira

curta. Queria sair e aposentar aqui. Se desse eu aposentaria com o Guerrinha”, ressaltou.

Aos 21 anos, Lucas é a prova de que a juventude e a origem paulistana não deixam o valor de Bauru cair. Ele já jogou no grande time de São Paulo, o Pinheiros, conhecido e citado em todas as entrevistas pelo alto investimento financeiro. “A energia aqui é diferente. Bauru é diferenciada. Acredito na relação forte do grupo com a cidade. É diferente defender Bauru. A responsabilidade é grande, mas é prazeroso. Eu jogo com alegria”, destacou.

A possibilidade de reativar na mente das pessoas, que iam torcer pelo Tilibra/Copimax nos anos de 1999 a 2002, também é relevante para os jogadores. Atualmente a boa fase da equipe, que ficou em 5º lugar no último Campeonato Nacional e a vontade de vencer dentro de quadra trouxe mais gente para o ginásio. A estrutura e a atenção oferecidas pela diretoria também é determinante.

“A estrutura aqui em Bauru é tranquila. Nunca faltou nada. Se precisar de fisioterapia, tem para fazer. Se me machucou, vou para médico na hora. A quadra é sempre limpa, o ‘seu Zé’ trabalha bastante, sempre arruma tudo na hora e a diretoria não tem nem o que dizer. São super legais, sempre me trataram muito bem. Estão sempre próximos da gente. Sempre tem um no treino. Têm uns seis diretores e é notável que antes de querer ganhar a vida com o basquete, eles são amantes desse esporte”, ressaltou Pilar, que está na equipe há um ano.

O bauruense Guilherme, o Gui, foi formado em Bauru e é um dos mais antigos no Bauru Basquete, está na equipe desde a volta do projeto, em 2007. Por ser da

cidade ele não pensa em jogar basquete em outro lugar. “Eu não tenho vontade de sair daqui para nada. Tenho um relacionamento bom com o Guerrinha. Por exemplo, se eu errar, eu já sei o que ele quer, acostumei com o jeito. Também tenho uma vida aqui: tenho faculdade e tenho que terminar. Aqui é minha casa”, explicou.

No garratão, o jeito quieto, que pode ser interpretado como antipatia, de Douglas não foi o suficiente para que o jogador ficasse isolado em Bauru. Ele chegou em junho de 2010 e em 1 ano de equipe, não esconde a gratidão. “A confiança que depositaram em mim foi muito importante, porque cheguei como desconhecido e Guerrinha me deu oportunidade e confiança. A estrutura de Bauru é uma das melhores que já joguei. Parecido com o europeu. Salário não atrasa. Tudo que precisa, desde chegar na rodoviária e poder ligar para alguém ir te buscar, tem gente pra ir. É um clube humilde em uma cidade que respira basquete”, afirmou.

O americano Jeff Agba é outro seduzido pela cidade. No final da temporada 2010/2011, Jeff deixou Bauru em busca de oportunidades melhores. Para muitos seria o fim de uma amizade grande, como a que tem com o vice-presidente Joaquim Figueiredo. Mas logo ele voltou e não quer mais sair. “Quero ficar bastante tempo aqui. O tempo que fiquei fora eu falava com meu agente para voltar”, destacou.

Assim como acontece com os jogadores, a comissão técnica também valoriza a estrutura, dedicação e a cidade. “O projeto está dando certo por causa da organização. Guerrinha é referência dentro e fora de quadra na busca de patrocínio. Ele tem um nome muito forte por ter ficado quase 15 anos na seleção e tem um currículo

importante. Ele consegue encabeçar o projeto e dividir funções. Pedro Poli também. Hoje só tem o time graças ao Pedro Poli. Hoje em termos de patrocínio grande só tem a Itabom. Se hoje o Pedro fala que não vai mais patrocinar, fica difícil continuar o time”, admitiu Hudson, o auxiliar técnico de Guerrinha.

Enquanto há patrocínio, há equipe. Em 2011 o time conquistou bons resultados e para o NBB 2011/2012 briga pelo título. Alguns diretores preferem não apostar todas as fichas no título, pelo basquete ser um esporte de vários momentos dentro de um mesmo jogo, mas é possível ver no rosto de cada um dos jogadores e da comissão técnica o foco para que seja realizado um bom campeonato. Por enquanto, o pensamento é dentro de quadra, afinal de contas, a temporada está ainda na metade.

Excelente 2011

Apesar das dificuldades, o time continua com dificuldade em conseguir patrocínios master. Em 2011 o Bauru Basquete, conseguiu conquististas que colocou o esporte ainda mais em evidência na cidade e o melhor: levou o nome de Bauru para fora do país. Em maio, alguns jogadores (Pilar, Thyago Aleo, Douglas Nunes e Gui) e o técnico Guerrinha foram disputar um pequeno torneio da China. Eles fizeram parte de um combinado, com o nome de *Brazilian All Star*, que atuou em 12 jogos durante 14 dias com times de todo o mundo. “Foi legal ir para China. É uma cultura diferente. Eles gostam muito do basquete e lotam o ginásio, além da estrutura dos ginásios, que é muito boa”, ressaltou Pilar. “Para a gente foi incrível jogar na China. Teve essa experiência de ver o estilo de jogos de vários cantos do mundo. Com 20

anos participar de torneio importante foi ótimo. Além da estrutura de lá que é muito boa. A nossa é boa, mas a estrutura de investimento do governo é diferente. Lá na China investem muito mais, é impressionante a qualidade. O Brasil ainda está muito atrasado em relação a isso”, completou Gui. E mesmo longe de Bauru, o time conquistou a torcida. “Lá na China a gente era brasileiro. Criei amizade com americano, realcei outras amizades e o time do Brasil foi muito querido por estar sempre sorrindo e ganharmos a torcida da China por isso”, ressaltou Douglas.

O ano continuou e veio a maior surpresa. O time de Bauru teve dois jogadores convocados para defender a Seleção Brasileira no Pré-Olímpico de Basquete. O pivô Douglas Nunes e o americano Larry Taylor foram chamados. Na época Larry estava em processo de se naturalizar brasileiro e foi lembrado pelo técnico argentino Rubén Magnano. A notícia veio em junho. Dias antes de viajar para compor o grupo da seleção, Douglas falou sobre o assunto e a emoção de jogar pelo Brasil, mas não se esqueceu de Bauru. “Para mim a seleção é um sonho. Estou indo representar o Brasil e Bauru. Espero ficar entre os 12 e depois brigar para ganhar minutos dentro de”. Larry era só sorrisos e o assédio sobre o jogador foi enorme. Em Bauru, jornalistas da capital chegaram a marcar entrevista e vir até a cidade só para conversar com o brasileiro-americano. “Na seleção quero fazer o que eles esperam de mim e fazer o máximo por eles. Eu gosto da imprensa, quando você faz suas coisas e as pessoas gostam. Para mim é bom. Espero ter a chance sempre, porque não são todos que têm essa chance”, comentou.

Apesar da euforia, o sonho dos dois jogadores de Bauru foi adiado. Larry foi cortado após receber a noti-

cia de que não conseguiria a naturalização a tempo da disputa e Douglas voltou antes do técnico selecionar os 12 que seguiriam para Argentina para disputar o Pré-Olímpico.

O segundo semestre ainda reservava surpresas dentro e fora de Bauru. Fora da cidade, em Mar Del Plata, na Argentina, mais precisamente, os quatro comandantes do Itabom/Bauru – presidente, vice, diretor e técnico - foram assistir a jogos do Pré-Olímpico de Basquete. Na bagagem, a expectativa de vencer as entidades do basquete (Fiba – Federação Internacional e Liga Nacional de Basquete) a aceitarem que Bauru recebesse a Liga das Américas, na primeira semana de fevereiro de 2012. E após muita negociação e muito esforço dos dirigentes bauruenses, a Fiba confirmou Bauru como cidade-sede da fase inicial da Liga das Américas.

A Liga das Américas é um torneio internacional entre clubes do continente americano. A competição é de caráter anual e organizado pela Fiba Américas, sendo considerado o torneio mais importante do continente. A competição que acontece desde 2007, conta com a participação de 16 clubes divididos em quatro grupos com quatro times cada (fase inicial que será disputada em Bauru). Desde a temporada 2010/2011, se classificam os dois melhores de cada grupo, avançando para a segunda fase. Assim, as equipes são divididas em dois grupos com quatro times, em que os dois melhores de cada grupo se classificam para o Quadrangular Final (Final Four).

“Nosso grande foco era a Liga. Um dia, durante o café da manhã no hotel, o secretário geral da Fiba, Alberto Garcia, perguntou por que queria trazer para Bauru. Eu me assustei e falei um monte de argumentos. Ele disse

que confia na gente e que estaria fechado. Eu tenho certeza que faremos um evento muito legal. Todo mundo enxerga o time de Bauru com muita simpatia. Time que joga com muita vontade, defesa muito forte. A seleção conseguiu a vaga pela defesa e nossa equipe é assim”, explicou Vitinho.

Apesar da Liga das Américas trazer grande visibilidade à cidade, o Bauru Basquete precisou investir ainda mais na equipe e nos jogos da Liga. Só para inscrever a cidade como possível sede, foi desembolsada a quantia de 10 mil dólares. “A Liga das Américas deve custar o dinheiro que não temos e vai ser outra correria, temos que começar a conversar sobre isso...”, admitiu Joaquin antes da competição. Ele não deixou o desespero aparecer na voz e brincou: “Você tem algum patrocínio pra indicar”?

Deixando a falta de dinheiro de lado, a Liga pode ter acelerado um processo que vinha se arrastando entre a burocracia e a lentidão crônica para investir não apenas no basquete, mas em todo o esporte bauruense. Pouco mais de 20 dias depois de Bauru ser anunciada como sede, o contrato para a reforma do único ginásio grande de esporte da cidade, Panela de Pressão, foi assinado pela prefeitura e pela empresa vencedora de licitação pública. “Nesse caso da Panela, tudo demorou muito. Primeiro porque prefeitura e Noroeste (dono do complexo) enrolaram. E agora o contrato só foi assinado por causa da Liga das Américas. Tem coisa que já era pra ter sido resolvida e levou 2 anos. Acredito que o Pedro Poli foi muito inteligente. Toda essa história de Liga das Américas foi uma jogada. Você imagina o mico do Batata (José Carlos Batata, secretário de esportes) se conseguisse o direito de ser sede, mas não tivesse ginásio”, opinou o jornalista Rafael Antônio.

Sobre a novela para que o contrato de locação do Ginásio Panela de Pressão fosse assinado por parte da prefeitura de Bauru e o Esporte Clube Noroeste, este último informou o que houve para que o acordo demorasse 2 anos para ser fechado.

A assessoria de imprensa do Noroeste enviou uma nota para esclarecer sobre o assunto.

“As conversas entre o município e o clube começaram no final de 2009. Inicialmente, a ideia da prefeitura era simplesmente locar a Panela de Pressão junto ao Noroeste mediante o pagamento de um valor de aluguel. Porém, havia uma dívida antiga do Noroeste junto à Prefeitura (de gestões anteriores a do atual presidente, Damiano Garcia), referente ao IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), fato que impediu a locação direta do ginásio, pois a prefeitura não poderia alugar um imóvel de uma entidade em dívida com o Fisco Municipal. Com esta situação, chegou-se a conclusão que a melhor solução seria alugar o ginásio através do abatimento das dívidas. O assunto foi amplamente discutido no Departamento Jurídico de ambos, que chegaram a uma solução dentro da legalidade, viabilizando o acordo. Desta forma, a Panela de Pressão foi alugada para a prefeitura por cinco anos, período em que vai se abater a dívida do clube junto ao município”, explicou o Noroeste através de sua assessoria de imprensa.

O Secretário de Esportes de Bauru, José Carlos Batata, deu a mesma explicação que o Noroeste. “Havia um entrave jurídico e burocrático. Infelizmente o poder público não acontece nos prazos que a gente quer. Tem entraves burocráticos e existia pendência do Noroeste ser devedor de IPTU. Com a opção do Noroeste em ref-

nanciar a dívida, pudemos concretizar o contrato e isso veio há pouco tempo”, explicou.

Identidade é sentida em gestos e ações. Os mesmos gestos e as mesmas ações que fazem centenas de torcedores se aglomerarem num ginásio pequeno para ver seu time de basquete e se sentirem mais bauruenses. As fotos foram gentilmente cedidas pelos amigos Cristiano Zanardi e Juliana Lobato. Além do Jornal da Cidade.





Intervalo de Jogo

Um ano de descanso

Otime teve raça, lotou a Panela de Pressão, ganhou um título do Campeonato Paulista na temporada de 1999, um título do Campeonato Brasileiro em 2002 e contou com jogadores reconhecidos na modalidade como Leandrinho e Vanderlei. Apesar de todos os pontos citados, às vésperas da estreia no Paulista de 2006, a equipe vivia na incerteza sobre o seu futuro.

O presidente que não tomou posse

Todos que fazem parte da diretoria do Baurru Basquete têm verdadeira paixão pelo esporte. Paixão que chega a limites incriveis. Como é o caso de Sérgio Domingues, engenheiro civil, que não vive sem a modalidade. Ele poderia entrar em jogo no último quarto, quando o livro se propõe a mostrar as faces dos torcedores bauruenses, mas Sérgio tem algo a mais. O amor pelo basquete o transformou em verdadeiro discípulo, sempre pronto a ajudar em nome do esporte.

Sérgio começou a acompanhar o basquete ainda criança, com influências da família. Em Baurru, o amor floresceu a partir de 1998. Ele viu o time ser campeão paulista (1999), ser campeão brasileiro (2002), viu a equipe definir e acreditar: ele deu o último suspiro com o basquete bauruense, quando este fechou as portas em 2006.

A carreira dentro da modalidade começou como simples torcedor, acompanhando os jogos das arquibancadas. Porém, ao ver o momento de crise, começado no ano seguinte da cidade ser campeão brasileira, despertou o lado “fanático pelo basquete”. Sérgio começou a correr atrás de patrocinadores por conta própria, sem ter vínculos administrativos com a equipe.

“Assistindo aos jogos veio o meu interesse de ajudar. Comecei a participar das reuniões para ver o basquete de perto. Quando foi anunciado o fim do patrocínio com a Tilibra, eu tentei arrumar outro. Entrei em contato com uma rede de supermercados e contei a história de Bauru, por e-mail. Conteí que fomos campeões nacionais, do paulista e que agora estávamos em dificuldades. Perguntei se eles não tinham interesse em patrocinar a equipe. Nessa época meu único contato era apenas de torcedor, nada além. Eu me apresentei como qualquer outro torcedor. Em uma determinada quinta-feira, depois do e-mail, chegou a resposta falando que não ia dar certo porque tinham outros 3 patrocínios. Mas, por ironia do destino, no domingo seguinte, 3 dias depois, foi anunciada essa mesma rede como patrocinador do basquete feminino de Ourinhos, não sei o que houve...”, lembrou Sérgio.

O interesse do torcedor em ajudar a equipe no momento de crise o aproximou da administração e Sérgio foi convidado a participar mais do dia a dia do time. Ele entrou e não conseguiu mais sair. O amor torna as pessoas dependentes da modalidade em Bauru e com Sérgio não foi diferente.

Agora dentro da equipe, Sérgio intensificou suas andanças à procura de investimento no basquete e con-

seguir. “O ‘Marquinhos’ da Plasútil (Marco Antônio Pereira da Silva, presidente), em um determinado momento, eu estava conversando com ele e terminada a conversa eu perguntei se ele nunca tinha pensado em patrocinar o basquete. Eu vendi a ideia. Isso era no primeiro semestre de 2004. Ele falou para procura-lo no final do ano. Eu marquei no relógio e liguei para ele. No final do ano, durante uma conversa de amigos, eu o lembrei do assunto de patrocínio e ele disse que já tinha esquecido. Ele perguntou quanto precisava e consegui que entrasse com uma parte em 2005 e a Sukest em 2004 com outra parte”, contou.

O Plasútil/Sukest sobreviveu até o final de 2005. O patrocínio veio, mas as finanças ainda eram apertadas. Mas onde estava Sérgio agora, que seu objetivo tinha sido cumprido? Ele estava lá, na quadra. “Nessa fase eu acompanhei todos os jogos dentro e fora de Bauru, só um que não pude ir: Todos os treinos eu estava na Pa-nela, falando com os jogadores. A paixão foi crescendo, crescendo e eu continuei. Na época o presidente era o Zé Martha e quando terminou o mandato, ele perguntou se eu queria ficar. Eu topei: se é pelo basquete, eu topei. Sem querer ganhar nada, aliás, só as vitórias. Ninguém participa do basquete para querer ganhar dinheiro. O caixa do time dá para bancar despesas e só. Eu adoro é vencer”, explicou.

Mais envolvido do que nunca, Sérgio não sabia que o “sim” para Zé Martha não poderia ser concretizado no decorrer de 2006. Começava naquele momento a maior luta do engenheiro e, desta vez, ele não sairia vencedor. “Começa a minha surpresa. No começo de 2006 a Plasútil falou que ia parar com o patrocínio. Eu disse sobre a ironia, bem quando eu entrei, mas os objetivos deles ti-

nham sido atingidos. Pedi pra ficar mais uma temporada e ficaram por mais 3 meses. Na Sukest, eles disseram que continuariam, mas reduziriam bastante o investimento. Aí falei que não daria para manter o time e eles saíram...”, relembrou. Pergunto a Sérgio em quanto tempo tudo aconteceu e ele responde: “Uns dois dias...”

Sérgio não considera que tenha sido presidente da equipe. “Eu não cheguei a assumir. Eu aceitei, mas não cheguei a assumir, porque não tinha time. Eu seria presidente de quê? Eu assumi a presidência sem nunca ter sido presidente”. Mesmo sem admitir que foi presidente, Sérgio tentou até o fim para que o Bauru Basquete não fechasse as portas. “Eu disse para montar um time juvenil, mas não deu, então ficamos sem o basquete. Procurei até a Itabom. Não cheguei a falar com o Pedro, mas com outros, que se mostraram interessados, mas não para aquele momento”. Pergunto quem ficou com ele na diretoria e se restou alguma mágoa. “Ninguém ficou comigo na administração quando parou. Eu conversava com um, com outro, falavam não, não. Sem Plásútil, sem Sukest, sem um, sem outro... quando eu vi, não tinha mais ninguém. E as pessoas que diziam que quando eu pegasse a presidência, eu poderia contar, disseram não. Todos tinham seus motivos e diziam que a parte já havia sido dada, que cansou... Paciência”, lamentou.

Dentro de quadra, foi Sérgio que falou aos jogadores sobre o fim do time. “Eu era amigo dos jogadores e já estava falando de renovar o contrato deles, mas eles falavam que precisavam de aumento. Eu falava que antes de pagar, eu precisava de patrocínio. Todos vinham falar, trocar ideia. Eles falavam que precisavam de respostas até determinado dia e eu pedia mais um dia. Chegou no limite e eu falei que era para eles cuidarem da vida deles”,

relatou.

Apesar da tristeza de ver o time que ajudou e pelo qual era apaixonado acabar exatamente no momento que o torcedor assumia o comando, Sérgio não coloca culpa em outras pessoas e também não se culpa pelo fato. “Eu não tenho nenhuma mágoa. Eu prefiro acreditar que isso aconteceria com qualquer outro. Não tem porque ter sido de propósito. Já estava difícil manter em 2003. Não existe mágoa minha em relação a eles (patrocinadores). Eles ajudaram, só não puderam ajudar quando eu estava lá. Não tenho mágoa nenhuma. Eu faria tudo de novo”, completou.

Ao ouvi-lo, é possível que pensem que ele é um homem maluco. Mas Sérgio fez e ainda faz pelo basquete o que muitos fariam pelo time do coração no futebol, por exemplo. A loucura pode ser traduzida como amor e esperança no esporte. Esperança que sobrevive até hoje. Sérgio ainda faz parte do basquete bauruense e conta as histórias dos jogos através de fotos.

“Não é pelo o que aconteceu que não quero mais saber de basquete. Hoje eu procuro ajudar através das fotos. Tenho fotos que já saíram por todo canto do Brasil. Isso de estar com fotos, acompanhando, vendo... para mim isso é um gosto. Nunca passou pela minha cabeça cobrar pelas fotos. Eu quero continuar dessa maneira. Precisam de mim? Eu vou e tiro foto. Tenho fotos desde o GRSÁ”, ressaltou. Mas e a presidência, Sérgio? “É difícil falar se eu assumiria a presidência hoje, mas pelo basquete, eu topo qualquer coisa”, finalizou.

A paixão pelo esporte de Sérgio foi passada ao filho, Gustavo, de 16 anos. “Meu filho estava sempre co-

migo na Panela de Pressão e agora ele quer ser jogador. Ele joga há 10 anos e está nas categorias de base do Luso”, contou orgulhoso.

Os primeiros golpes

Com a saída da Plasútil e da Sukest o basquete parou em Bauru. No entanto, não seria a primeira vez que o time foi ameaçado de extinção. Acreditem se quiser, mas a corda do basquete bauruense balançou forte em 2003, logo depois da equipe se sagrar campeã brasileira de 2002.

Na época, Caio Coube era o cartola da vez. O empresário vem de uma família apaixonada pelo basquete. Quando criança, ele foi jogador das tradicionais escolinhas do Luso. E de 1997 a 2003, entre o auge e o início da crise, foi presidente da equipe.

Caio primeiro foi um apaixonado, depois patrocinador-presidente. Ele ficou na presidência da empresa Tilibra, cota master a partir de 1996, até pouco antes do time ser Campeão Nacional em 2002. Essa equipe profissional com o patrocínio da Tilibra surgiu quando o time do Luso subiu da Série A2 para a A1 do Campeonato Paulista, em 1996. O Luso acabou se retirando do profissional e ficou apenas com as categorias de base.

“O time do Luso disputava o A2 e conseguiu o acesso para disputar a primeira divisão em 1997. Já estávamos ajudando o time na A2 e isso foi muito expressivo, até porque era um time de segunda divisão. Como eu era presidente da Tilibra, eu consegui convencer os sócios a desenvolver um projeto de marketing esportivo nos moldes do que já existia em outros esportes como o

vôlei, o de colocar o nome do patrocinador na equipe. E aconteceu de sermos patrocinadores e gestores pela entidade criada. Igual com a Itabom: o atual patrocinador é o presidente”, explicou.

Apesar de o time ter atingido o auge sob o seu comando, o empresário confessa: 2003 não foi a primeira crise do Bauru Basquete. Antes do time subir para a primeira divisão do Campeonato Paulista, na época patrocinado por Tilibra e Unimed (1996), a modalidade teve o primeiro risco de vida. “A Tilibra ajudava com um pouco e a Unimed com outro pouco. Mas enquanto o time estava no segundo ano de A2 (1997), o presidente do Luso Mauro de Martino Júnior me ligou falando que não ia inscrever o time porque a Unimed estava retirando o patrocínio. Ele disse que não tinha orçamento, pois não daria para continuar só com a ajuda da Tilibra. Eu assumi o compromisso de dobrar a cota para ele não ficarem a equipe e o time conseguiu subir (1996) e ser Campeão Paulista na sequência (1999). Indo bem no Paulista, asseguramos a vaga no Nacional. Assim eu consegui aumentar de 3 mil para 30 mil reais a cota e trouxe a Copimax que era parceiro da Tilibra e começou a apoiar também”, relembrou.

Antes de disputar campeonatos nacionais, o Bauru Basquete jogava no Luso como ocorre hoje com o Itabom/Bauru. Mas, com a primeira classificação aos *playoffs*, o regulamento do Campeonato Brasileiro exigia que as equipes mandassem os duelos em ginásios com capacidade de pelo menos 3 mil pessoas.

“No primeiro ano do Brasileiro ficamos entre os 8 e fomos para os *playoffs* (2000), o que motivou a reforma da Panela de Pressão, porque o regulamento dizia que

o mandante deveria mandar as partidas em um ginásio com capacidade maior de 3 mil pessoas. Nós jogávamos como no começo do time que recomeçou em 2006 até hoje (2011): no Luso. Eu percebi que íamos conseguir passar para os *playoffs* e falei para o pessoal. A CBB (Confederação Brasileira de Basquete) estava rigorosa e Bauru só tinha um ginásio: a Panela de Pressão, então fomos para lá. A Panela estava desativada. Reformamos em 1999 e inauguramos em um jogo contra o Flamengo. Fomos para os *playoffs* do Nacional, em 1999 fomos campeões do Paulista, 2000 vice-paulista e 2002 campeonos brasileiros. Foi um ciclo de várias conquistas”, destacou Caio.

O auge na quadra em 2002 com o título nacional tentava camuflar ao máximo a crise no comando da Tilibra, que acabava chegando ao basquete. Caio Coube se retirou da presidência após desentendimentos com sócios e ficou apenas no comando do basquete. Mas sem o empresário à frente do patrocínio, a Tilibra deixou a modalidade.

“Eu só tinha 35% da Tilibra e na época, todo mundo aprovou o investimento, não foi só eu. Mas depois tive desentendimentos com os meus sócios e me retirei da Tilibra. Logo em seguida o patrocínio foi retirado... mesmo com o time campeão nacional. O esporte tem retorno, tem visibilidade, mas a empresa pode decidir outro destino para o marketing e foi mais ou menos o que aconteceu, quando eu não estava mais à frente da Tilibra”, comentou. Sem o investimento, tudo complicou.

“Foi difícil isso. Foi uma mobilização na cidade, os jornais noticiavam. Poderia ter ficado com um projeto menor, sem jogador famoso, poderia ter trabalhado a

base, mas não deu. Por outro lado, a raiz foi tão forte que a modalidade voltou. A Sukest ajudou (2004 e 2005), a Plasútil (2005), depois parou mesmo. Em 2006 o Guerinha voltou e conseguiu sensibilizar outra empresa. Enfim, surgiu uma nova safra de dirigentes”, lembrou.

Com a parada em 2003, o time precisou tirar licença dos campeonatos e iniciou o corte de gastos, perdendo jogadores e iniciando uma fase mais modesta com o Plasútil/Sukest em 2004 e 2005.

Hoje Caio Coube atua do lado de fora da modalidade como torcedor e conselheiro. “Hoje eu sou conselheiro, mas é mais tranquilo, eu sou mais torcedor. Antes eu colocava o dinheiro do bolso, porque no final a Tilibra saiu e foi suado, custou além do trabalho. Mas a gente acredita muito no esporte de alto rendimento para despertar o interesse da sociedade, pelos valores do esporte. Auxilia na educação, na formação. Estou falando do esporte em geral, mas gosto mais do basquete, porque pratiquei. São muitas emoções, o jogo é emocionante: acaba, mas não termina. A campanha toca, mas se a bola estiver viajando no ar, ainda vale se entrar na cesta”, finalizou.

Terceiro Quarto:

Um time, uma família

Nos dias atuais, perdeu-se aquele pensamento de que família é um grupo composto por pessoas com interligações sanguíneas e que os parentes mais próximos são aqueles que moram na mesma casa: pai, mãe e irmãos. Em antropologia, estudar uma família é estudar um grupo social concreto, que vai além dos graus de parentesco. E no caso do esporte isso pode ser visto todos os dias.

Os atletas e a comissão técnica, por exemplo, formam um time, que convive entre si compartilhando problemas, gostos, desgostos, angústias, tensões. Essas vivências e trocas de experiências, além de afinidades, colocam o dia-a-dia em um clube representativo ao dia a dia de uma verdadeira família.

Talvez a definição do time como família tenha ganhado força no esporte após títulos importantes de seleções brasileiras como o vôlei (família Bernardino) e do futebol (família Scolari em 2002). Esses times campeões se auto intitulam família e é isso que são. Em Bauru não é diferente. Apresento-lhes agora a família Guerra.

Nos jogos, nos treinos, em Bauru. No ano de 2011, a família foi composta por 13 irmãos. A definição – família – é unânime no grupo, que é composto por uma maioria de fora da cidade. São Paulo, Paraná,

Minas Gerais, e até Estados Unidos. Poucos minutos acompanhando um treino da equipe, ou ainda, um jogo oficial, é suficiente para notar que para serem da mesma família, só falta os jogadores terem o mesmo sangue. Os irmãos são unidos por uma identidade social com raízes dentro de quadra. Um objetivo em comum: Bauru Basquete.

“Eu me sinto representando Bauru. Estou lidando com pessoas e todo mundo faz parte disso. Para mim, todo mundo é bauruense aqui no time”, ressaltou o ala-pivô Pilar. Hoje, a origem paulistana de Pilar pode ser notada apenas pelo sotaque da capital paulista. Mas, como paulistano, Pilar sentiu a instantânea aproximação grupal determinada também pelo tamanho de Bauru, com 356 mil habitantes. “É bem diferente. Nunca tinha jogado em cidade com menos de 1 milhão de habitantes. É novo, mas estou gostando da relação mais próxima com as pessoas. É menos burocrático, jantamos juntos, saímos. É uma coisa nova e estou gostando muito de Bauru”.

Para ir aos treinos, Pilar precisa apenas atravessar a rua. Brincalhão e descontraído dentro e fora de quadra, ele é tido como um dos galãs pelas mulheres bauruenses, que o cercam para as fotos após os jogos, que adicionam o jogador nas redes sociais. Pilar também se cobra bastante. Nos treinos, cestas ou jogadas erradas vêm acompanhados de cabeça abaixada em sinal de cobrança a si próprio. Nos jogos, a dedicação às vezes é punida com a expulsão de quadra. Mas nas ruas... a expressão é bem diferente e o lema é apenas relaxar. A balada não é dispensada após uma vitória.

Voltando à aproximação determinada pelo

espaço geográfico reduzido, o tamanho realmente é determinante. E, se no basquete, quanto maior o jogador melhor dentro de quadra, na cidade, Lucas prova que proximidade entre time e espaço geográfico incentiva o jogador. “Para jogar aqui em Bauru, é bem mais tranquilo. Quando eu jogava em São Paulo, eu saía às 14h para chegar às 17h no treino. Aqui é mais tranquilo, tem mais tempo de treinar, não tem problema fora de quadra”. Lucas é focado, habilidoso, companheiro. Os gritos do técnico Guerrinha durante os treinamentos servem de incentivo e aprendizado. Quando há problemas ou dificuldades dentro de quadra, o armador não pensa duas vezes em dividir com os irmãos mais próximos, que moram com ele: André e Gui.

Além das facilidades geográficas, não há no grupo quem discorde de Pilar: “É uma família grande, sempre estamos juntos. Eu gosto”. Dentro do Bauru Basquete, mais que trabalho em grupo, o trabalho é em família. “Vejo esses caras mais do que eu vejo a minha própria mãe”, contou Gui, que é bauruense e se mudou de bairro para ficar mais perto dos companheiros e do local de treinamento, o Ginásio do Luso. Ele morava no Mary Dota, região norte de Bauru. Hoje, no Jardim América, uma nova família dentro da própria casa, morando com outros dois jogadores – Lucas e André. “É família. Nunca tive problema com ninguém todo mundo é gente boa. Guerrinha traz pessoas de índole, que faz tornar o grupo incrível. Somos amigos dentro e fora de quadra”.

Guerrinha traz os jogadores, Gui faz questão de trazer os torcedores. O Mary Dota é considerado um bairro carente da cidade. Distante do Ginásio da Luso – o primeiro fica na região norte, enquanto o segundo, na sul – Gui acaba vendo cerca de duas vezes por semana a sua

mãe, quem o colocou dentro do basquete. Ela trabalhava na Tilibra e pediu uma oportunidade no cadete do Luso para o filho. Com o início de Gui, muitos amigos do bairro também começaram a praticar o basquete. Apenas ele continuou como jogador. “Eu consegui trazer muitos amigos pra quadra. Cresci com um moleque que até o segundo colegial estudamos e jogamos juntos. Trouxe bastante gente pra quadra. Basquete não é como futebol, que todo mundo gosta. Vou na faculdade (FIB) e, se o pessoal fala que nunca foi assistir, eu chamo, o pessoal acaba indo. Da minha sala, todo mundo se apaixonou. Pessoal está perdendo aula na fácil e vem ver, é muito bom”, contou.

Gui sempre morou com outros jogadores. Em 2010 o apartamento de três quartos era dividido com Thyago Aleo e Douglas Nunes. Os dois decidiram morar sozinhos em 2011. Não por problemas, apenas por opção, como fizeram questão de ressaltar. “Eu gostava de morar com eles, mas foi mais por privacidade mesmo”, comentou Douglas. Hoje, com Lucas e André, o lar está formado, pelo menos por enquanto.

“Eu sempre morei fora, desde os 15 anos, quando fui para Franca. É bom, funciona como uma família mesmo, um protege o outro. Mas estou pensando em me mudar para poder casar, ainda é planejamento”, explicou André. Mesmo sério, André é dedurado pelos companheiros de casa. “Ele nem sai mais por causa da namorada”, falaram Lucas e Gui. A conversa vai ficando mais relaxada e ganha tons de brincadeiras. “Não é que não saio, tenho que economizar para o casamento né”, rebateu. O casamento fica para 2012. Por enquanto, é vida a três.

Três homens-irmãos. A rotina é tranquila, um sabe respeitar o outro. “Nos damos bem. Acho que é pela idade também. Somos os mais novos do time, temos os mesmos assuntos, e gostamos das mesmas coisas. Também nos conhecemos desde moleques. Com 15 anos, a gente já jogava um contra o outro no basquete”, lembrou André.

André gosta de cozinhar, Lucas ajuda, Gui acaba indo para a faculdade e faz a sua parte comendo. “Antes eu arriscava algumas coisas, mas agora, com a faculdade, fica difícil, aí eu falo para eles deixarem a minha parte e eu como quando chego da aula.”

A convivência em casa cria mais intimidade. Um sabe o que o outro pensa. “Às vezes deixo o som muito alto, e eles não gostam. Abaixo só com o olhar que o Lucas faz”, explicou Gui. As atividades de casa também são divididas de acordo com a percepção. “A empregada vai uma vez por semana. Geralmente a louça ficava uma zona, mas percebemos que era muita zona e cada um agora vai lavando. Está bem melhor”, brincou.

O basquete é assunto principal deles até dentro de casa. “Não tem como falar de outra coisa”, destacou Lucas. “Sempre quando acontece algo, somos os primeiros a apoiar um ao outro. Os outros também apoiam, claro, mas por morar junto, é mais forte, não tem jeito. Quando o Guerrinha cobra mais, um comenta com o outro para não ficar triste, que isso acontece com todo mundo, que é normal. Assim um vai apoiando ao outro, porque a gente se vê mais que a família. Eu ainda vejo minha mãe duas vezes por semana, mas eles são de fora”, contou Gui. “Meu pai até que vem para cá, mas é isso mesmo, ficamos muito próximos”, completou André. “A relação é

de irmão”, finalizou Lucas.

É preciso sair da casa do trio e voltar às quadras. Gui tem muito que agradecer ao padrinho Jorge Guerra. “Estou no time há 3 e meio. O Guerrinha montou o time e me deu chance para jogar com o adulto e para mim é fantástico como bauruense”. Gui que tem família na cidade a apenas alguns quilômetros de distância, sente o carinho fraterno no time. Quem vem de longe, de outro país como Larry Taylor é a prova e sente ainda mais. Sem tirar o sorriso do rosto, o norte-americano sente carinho ao falar dos companheiros do time. “Aqui sou amigo de todo mundo e gosto muito de todos os jogadores. Eles são minha família no Brasil. Estou muito longe de minha família nos Estados Unidos. Então esses jogadores são todos meus amigos, meus irmãos”. Como bom ‘brasileiro’ e CDF como jogador de basquete, ele chega a gravar os jogos da seleção brasileira, que em setembro disputou o Pré-Olímpico. Larry conseguiu a naturalização em abril de 2012 para conseguir, finalmente defender as cores verde e amarela.

Nos treinos, os gritos de Guerrinha muitas vezes chamam mais a atenção do que qualquer outra coisa. São gritos de professor, de pai. O nome Larry Taylor é poucas vezes chamado na hora da advertência, mas muitas vezes lembrado na hora do aprendizado, principalmente entre os mais novos da equipe, como Lucas e Gui. A velocidade do norte-americano foi a mais lembrada por Gui. “Desde que cheguei, estou aprendendo bastante. O Larry é diferenciado. Dentro e fora de quadra dá exemplo. Sempre presto atenção nele. Estou aprendendo. A minha característica é a mesma da dele, a velocidade”, explicou Lucas.

Da família, quem sai quer voltar. E para a família ele voltou. Dos antigos irmãos de 2007, apenas Gui e ele de jogadores: Gaúcho voltou para a casa. “Sempre tive um carinho enorme por Bauru. Quando joguei no começo foi bom e é muito diferente jogar aqui e em outro time. Aqui tem um prazer a mais. Na primeira vez foi ótimo, agora vai ser melhor ainda. Deixei muitos amigos e me cobravam para voltar. É a coisa que eu mais gosto: jogar aqui”.

Outro irmão estrangeiro de origem, mas que faz parte da família “bauruense” é Jeff Agba. Após o NBB de 2011, Jeff deixou o time para tentar propostas melhores. Mesmo sendo um bom jogador, o guarda do garrafão, ele não conseguiu algo melhor que em Bauru. Voltou e foi novamente recebido de braços abertos. “Meu coração sempre esteve no time de Bauru. Eu falava com meu agente para voltar”, contou o americano.

O pivô Douglas Nunes é um dos mais sérios. Ele pode ser definido como o irmão focado, dedicado e que não demonstra tantos sentimentos, mas, ao ser questionado sobre um dos melhores momentos em Bauru, não titubeou e apontou: o grupo. “A relação com jogadores é excelente. Nunca estive em um time que se unisse tão rápido, mesmo tendo tantos jogadores de fora. Desde o primeiro dia de treino já tinha união”.

Douglas também reencontrou um amigo especial em Bauru: Thyago Aleo. Além disso, fez outros. Eles se preocupam uns com os outros. “É muito bom acabar a temporada, estar em casa e gente daqui te ligar para saber como você está. Cheguei sem saber o que esperar da cidade e a cidade me acolheu muito. Não sou muito de me emocionar, vibrar, mas vou mostrando pouco a

pouco”.

Chefes da família:

Guerrinha e Hudson são os pais dessa grande família que o Bauru Basquete forma. Cada um, do seu jeito, é essencial para o projeto e para colocar ordem todos os dias dentro de quadra, ou melhor, de casa.

Calmó, focado, o auxiliar técnico Hudson é bem diferente de Guerrinha. Os dois se completam. Os dois são como pais para os jogadores. Hudson passa mais tempo com eles. “Estou diretamente ligado aos jogadores. Estou em contato direto com eles. Sobre tempo para conversar principalmente com os mais novos. Sempre passo dicas, porque já sei do que o Guerrinha gosta para eles evoluírem. Para eles não cometerem erros que eu como jogador cometi. A gente alerta dentro e fora de quadra”.

Como ex-jogador, o auxiliar técnico sabe que atleta é atleta e, às vezes, abusa. “De vez em quando precisa dar uma orientada como pai dentro e fora de quadra. Tem que puxar a orelha. Eles são meio folgados, como todo atleta. Tem que pegar no pé, senão eles acabam desviando um pouco. Tem que orientar para eles sempre fazerem um bom papel”. “Nós somos cobrados também fora de quadra pelo que o time representa aqui. Como pessoas públicas. Eu oriento para que tenham comportamento adequado porque representam cidade e o próprio patrocínio. É normal sair, curtir, balada, são jovens. Mas não pode aprontar, beber em excesso. Eles representam o time dentro e fora de quadra. A gente orienta para não ter problema”.

Às vezes descabelado, nervoso, outras, brincalhão, sarriista, mas, acima de tudo focado. Assim Guerrinha orienta os jogadores dentro de quadra. Assim ele conquista admiração. “Guerrinha fez eu melhorar outros fundamentos. O sucesso do time é por causa do Guerrinha, é um dos melhores técnicos do Brasil. Ele tira o melhor de cada um”, comentou Fischer. É isso que todos pensam dele. Os jogadores entendem o jeito carrancudo e de cobrança de Guerrinha, como membros de uma mesma família se entendem.

“O time é mais que uma família, não que não considere a minha família, mas passamos mais tempo com o time e em situações muito mais complicadas que na família: são dificuldades, playoffs, contusões. Se faz às vezes uma coisa para um e vem a decepção... Mas não devemos esperar sempre um feedback. Sempre tentamos, tanto eu, quanto o Hudson, ajuda-los. Posso ser considerado duro, exigente como um paição, mas filho tem que ter sangue, algo mais. Trato eles com muito carinho. Nos dedicamos a eles. Isso as pessoas podem traduzir como pai”, ressaltou Guerrinha.

Transcendendo a quadra

A família não para no círculo de jogadores e comissão técnica. Não se pode esquecer do homem que foi citado em todas as entrevistas realizadas neste livro. Ele é um homem com jeitinho de avô. Esse é “seu Ze?”. Com a simplicidade e carinho que conquistam, o mordomo do time não poderia ficar fora da contagem da família. Talvez pela idade, 79 anos, ele é chamado de avô por alguns. Ele está sempre lá. Às vezes quieto, concentrado no seu trabalho, outras vezes falante, piadista, galanteador e até fazendo do rodo que limpa a

quadra, uma guitarra. Capricho na actual casa da família, a quadra do Luso. “A quadra está sempre limpiíssima, nosso técnico é muito exigente. Se ele ver que está ruim, ele passa a mão na quadra e pergunta”, contou.

Bauruense da Vila Falcão, “seu Ze” não teve filhos, mas criou quatro de sua mulher; fora os muitos dentro de quadra. “Eu não tenho filhos. Minha mulher tem quatro filhos. Criei os quatro. Baita homens, realizados. Aqui eles me chamam de “seu Ze”. Uns falam de avô, mas eu já sou até bisavô”, brincou ao lembrar dos bisnetos. Até disciplinar jogadores ele disciplinou. “Uma vez dois jogadores saíram no tapa durante o treino, lá na Panela. Eu achei muito feio. Chamei a atenção deles separado, conversei com cada um. Depois, chamei os dois e falei para parar e pensar. Falei que gostaria que eles ficassem numa boa. Foi o que aconteceu”, lembrou.

Para quem olha de longe, a rotina dele parece pesada: limpar a quadra, arrumar coisas que quebram, aconselhar os mais rebeldes. Mas ele gosta e é reconhecido pelos jogadores. “Eu sou considerado uma pessoa muito querida e eu também quero eles muito bem. Se eu estou fazendo força para algum peso e grito por ajuda, vem 15 jogadores me ajudar. Isso é fruto de camaradagem e eles me respeitam muito”, finalizou.

“Seu Ze” tem um parceiro de quadra. O roupeiro Alex é mais tímido que ele, porém logo se solta na hora da conversa. Corintiano e amante de esportes coletivos, Alex foi cativado pelo basquete de um jeito que nem o futebol o fez. Foi através das cestas que conquistou amigos, e levou a paixão aos filhos, Bryan e Nicolas, que apesar de pequenos, torcem pelo Bauru. Entretanto isso ficará para o Quarto Quarto, quando o ‘sexto’ jogador,

a torcida bauruense, entrará em quadra para apoiar a equipe.

Enquanto isso, os amigos-irmãos de Alex ganham o coração e o carinho desse bauruense da Vila Falcão.

“Tive contato com muitos jogadores: Leandrinho, Vanderlei. Eu ia jantar na casa do Leandrinho. Quando fomos campeonos brasileiros, eu me embriaguei na festa do time e foi o Leandrinho que me levou para casa”, lembrou. Alex não fica de fora da família. “A base que está aqui eu já considero família e quem está chegando, está entrando na família agora. Quando sai jogador é como perder um parente. O jogador fica muito tempo todos os dias com a gente e se torna irmão. Que nem o Larry. Quando ele for embora, ninguém vai quer aceitar”, destacou.

Essa é a família mais querida de Bauru dentro das quadras. Com o respeito e dedicação de cada membro dentro da quadra, não é possível que se encontre definição melhor para o time: família.

Quarto Quarto:

Torcida, o sexto jogador

Brasileiro nasce com o gosto pelo futebol embutido no DNA. Ainda recém-nascido, o pai co-loca no bebê o uniforme do time do coração. A criança vai crescendo até que o pai o leva para ver o primeiro jogo no estádio e dali o menino não sai mais. Em meio a milhões de torcedores, o menino será mais um fanático. Porém, na maioria das vezes, apenas mais um... A grande quantidade de torcedores no futebol e a própria distância entre arquibancada e gramado não deixam que o jogador se aproxime com tanta intimidade da torcida. Assim a voz do fanático será apenas mais uma a gritar no coro do estádio.

No basquete não é isso o que acontece. Poucos são os pais que levam seus filhos à quadra antes de levar ao estádio de futebol. Mas quando o menino é apresentado ao ginásio, não tem jeito. É paixão. E esta desabrocha principalmente pelas emoções do jogo: são mudanças de placar que ocorrem em uma mesma partida, pelo grito da torcida que empurra o time e pelos jogadores interagindo com o público antes, durante e depois dos confrontos.

No Brasil, poucas torcidas do basquete são lembradas. Os grandes times são reconhecidos pelo público que não vive a modalidade apenas no mundo das cestas. Pinheiros, Paulistano e até a equipe que leva o nome do time de futebol com a maior torcida do Brasil, o Fla-

mengo, não conseguem colocar 200 pessoas sequer nas quadras. Nessas equipes, os jogadores, por melhores que sejam e por mais que estejam em seleções brasileiras, são cidadãos comuns quando saem na rua. Não são aborçados, parabenizados ou apoiados pela massa de torcedores.

Agora, pense em cidades em que o basquete está nas conversas de bares e que os ingressos dos jogos se esgotam dias antes das partidas. Franca certamente será lembrada. “Franca é diferenciada. Lá basquete é patrimônio cultural. Em Franca é diferente e o basquete divide a mesma atenção com o futebol”, ressaltou o jornalista esportivo Rafael Antônio.

No ranking das cidades onde há mais torcida pelo basquete, também está Bauru. Hoje, com o ginásio pequeno do Luso, o time só não recebe mais apoio nos dias de jogos por falta de espaço. O ginásio tem capacidade máxima de mil pessoas, as quais ficam a menos de 2 metros dos jogadores durante as partidas e que reconhecem os atletas e comissão técnica mesmo fora de quadra.

“Hoje o ginásio tem uma das maiores médias de público. A torcida sente que a gente briga pela cidade. Eu sou reconhecido na rua e esse reconhecimento é muito legal. Conquistamos esse respeito dentro de quadra. A torcida também cobra, mas é uma cobrança saudável. Dá pra perceber que gostam do basquete, entendem e realmente apoiam, isso que é legal”, comentou Fischer, o ídolo da torcida pelos seus arremessos de 3 pontos. O atleta aponta os seus momentos marcantes ao longo dos quase 3 anos de Bauru Basquete e lá está o sexto jogador: o torcedor bauruense. “É difícil falar e escolher um momento marcante, mas vitórias contra Flamengo, Brasília,

Minas, esses jogos marcaram. Marcaram principalmente porque é quando a torcida se entusiasma, ginásio fica completamente entupido”. Para ele, a população da cidade tem o basquete dentro de si. E além do apoio em quadra, o público é verdadeiro fã de todo time. “Eu acho que Bauru respira basquete e além de vir assistir, o pessoal adiciona a gente nas redes sociais, fala do jogo, parabeniza, é muito legal”, completou.

Fischer não é o único a notar a energia dentro e fora de quadra. Energia que aproxima a cidade e a população da modalidade e contagia qualquer um desde a primeira vez em que vai ver aos jogos.

O americano Larry Taylor ficou conhecido no basquete jogando em Bauru. Na cidade ele sentiu o que os ídolos americanos sentem na NBA e viu o ginásio lotado gritando o seu nome. “Em Bauru todos acompanham basquete, me veem pela TV e depois dos jogos ficamos na quadra, conversando com a torcida. Nos EUA, para mim não tinha torcida. Aqui é bem diferente”, ressaltou. Jeff Agba concorda com Larry. “Um dos momentos marcantes foi quando estávamos nos jogos dos *playoffs* contra o Flamengo e ficamos olhando as pessoas de branco. Lembrei de jogos da NBA, foi ótimo”.

Alguns jogadores que hoje são ídolos do basquete bauruense já sentiram o outro lado: ser vaiado e cornetado pela torcida. “Antes de ser contratado eu já conhecia Bauru. Na categoria de base vinha jogar aqui pelo Paulistano. Eu pensava: ‘a cidade é muito longe, muito quente, jogar lá com a torcida gritando. Aquele time do Guerinha, enjoado’. A torcida cornetava, o jogo era muito duro. Mas era gostoso, porque a torcida, mesmo contra, acabava incentivando a gente. A gente se concentrava e

o povo xingava atrás do banco”, lembrou Lucas. Mas bastou ele vir para Bauru, para ser recebido de braços abertos. “Os torcedores me receberam muito bem. A torcida é fantástica, me deram boas vindas. O primeiro jogo foi contra Franca, mas não joguei, porque a documentação não tinha ficado pronta, mas eu já vi pela torcida que mal tinha chegado e todos sabiam quem eu era e pensei ‘aqui é meu lugar’, completou.

Pilar também ressalta a boa recepção da população bauruense. “Foi fácil fazer introdução com torcida, conhecia alguns. Aqui não é como Franca, que cobra muito, é mais carinho. Exigem, mas de um jeito que faz com que a gente queira jogar. Gosto muito do pessoal da Fúria (torcida organizada). Não tenho problema com torcida. Não tem agressão, é reconhecimento, que é até bom. Com as crianças, por exemplo, a gente é o exemplo. É legal ver as crianças na quadra, brincando depois dos jogos, ainda mais nessa geração que tem muito essa coisa de ficar em casa...”, opinou.

Lucas comparou a aproximação da torcida fora de quadra em Bauru com São Paulo, onde jogava antes. “Aqui é assim: sai 5 caras juntos, todos grandes, chamamos a atenção, o pessoal comenta, vem conversar. Eu estou andando e a pessoa me cumprimenta, em São Paulo isso nunca ia acontecer. Se bobear, a pessoa passa em cima”, destacou.

Trabalho atrai a torcida

Mesmo que o Bauru Basquete saia derrotado de quadra, a torcida não se afasta do time. O apoio entra no lugar das cobranças. O técnico Guerrinha acredita que o trabalho e a vontade de vencer mostrada pela equipe

a cada segundo das partidas é essencial para conquistar o público. “O segredo para atrair o carinho da torcida é a dedicação. A forma que o time se expressa. Eu vi uma vez, quando estava nos últimos anos do Tilibra/Copimax. Perdemos um playoff para Franca e a torcida inteira levantou e aplaudiu. Eu percebi que em Bauru, quando se dedica, faz com vontade, mesmo sem o resultado positivo, a torcida vibra com você, porque nem sempre conseguimos o positivo. Do outro lado também tem um time, com trabalho e investimentos. Como jogador e técnico tive títulos, mas o que mais tenho são o respeito e credibilidade. Isso vale mais que título. Eu converso disso com os jogadores, eles são inteligentes e sabem a verdade. A gente trabalha com: dedicação e comprometimento. Sempre tento passar o algo mais. Fazer tudo isso de forma que expresse sentimento. No nosso time a gente vê que tem sentimento e as pessoas percebem”, explicou o treinador.

Douglas lembrou de um episódio que o surpreendeu e o aproximou ainda mais da torcida. “Depois da derrota para o Flamengo no NBB de 2010/2011 eu estava no banco cabisbaixo e um torcedor que eu não conhecia foi o primeiro a vir me dar apoio. Ele veio me levantar, me deu apoio e isso é muito importante.”

O time é tão reconhecido e querido que Guerrinha relembra um episódio nas ruas de Bauru que o deixou abismado. “A cidade tem um carinho muito grande pelo time. Dando um exemplo: eu fui parar o carro em um estacionamento e fui pagar, o cara falou ‘ôh, seu Guerrinha, o senhor não precisa pagar, por tudo que o senhor faz pela gente? Eu falei: ‘não, eu sou cidadão normal’... Vamos ao mercado e somos parados, as pessoas dão o testemunho, o carinho. Quando eu voltei (2007), eu já

tinha tido um trabalho com o Tilibra/Copimax de vitórias dentro da quadra de cinco anos, mas principalmente em quadra. Agora, não tem títulos, mas a equipe é um sucesso dentro e fora da quadra.”

O auxiliar técnico Hudson Previdello é bauruense e já atuou pelo time de Bauru. Hoje, no banco de reservas, ele continua sentindo o carinho. “Todo mundo apoia e elogia bastante. Eu conheço muita gente. Nas ruas sempre perguntam muito, elogiam o trabalho, sabe que estamos fazendo algo sério. É só elogio e apoio ao basquete. Pedem ingressos, camisetas, assistem aos jogos”, ressaltou ele, que completa: o basquete é cativante. “Tem bastante gente que vem às partidas: primeiro porque são amigos e gostam de mim. Mas na hora que chega na quadra não tem jeito. Eu sempre falo que se for a primeira vez, pode ter certeza que voltará. Eu não presenciei alguém que tenha vindo e não tenha voltado. Todo mundo gosta da energia, da vibração da torcida.”

O Bauru Basquete também tem o tempero especial da torcida organizada. A Fúria, que não para um minuto de apoiar e cornetar os adversários. A relação da organizada com a equipe, também é boa, segundo o técnico Guerrinha. “É uma relação de respeito. Quando tivemos problemas por eles ficarem atrás do banco de reservas dos adversários, fui eu que pedi pra eles mudarem de lugar. Na época alguns contestaram, mas onde estão hoje, eles são mais valorizados. Hoje a torcida é reconhecida.”

Os discípulos do bauruense Gui

Por ser bauruense, Gui é um dos mais queridos do time. Nos jogos o nome do atleta é gritado pela torcida, que o protege por ser o único nascido na cidade. O joga-

dor sente a proteção e o carinho. “O pessoal me conhece. Por eu ser da cidade, tem mais carinho. E por isso eu não tenho vontade de sair daqui pra nada”, destacou. Ele consegue “arrastar” seguidores para a quadra. “Basquete não é como futebol, que todo mundo gosta. You para a faculdade e o pessoal fala que nunca foi assistir jogo e eu chamo e eles acabam vindo. Depois que vêm, todo mundo se apaixonou e hoje o pessoal perde aula na faculdade e vem ver, é muito bom. Eu adoro a relação com a torcida. Converso com todo mundo. Quem vem pedir qualquer coisa, eu converso, as crianças sabem meu nome. Eu gosto disso e retribuo. Eu mesmo vou conversar com a torcida.”

Para o presidente da Fúria, Eduardo Brocca, Gui é especial. “Nós temos um carinho muito especial por ele. O Gui já foi torcedor e agora é jogador. Queremos que ele tenha muito sucesso aqui em Bauru. A cada temporada ele cresce um pouquinho. Por ser daqui tem uma torcida especial para ele”, ressaltou.

Os fiéis torcedores

Na arquibancada: Vera Lúcia da Silva, 62 anos, nasceu em Bauru, mas se mudou para São Paulo aos 3 anos de idade. A mulher, que passa determinação a cada palavra, sempre foi apaixonada pelos esportes. Praticante de vôlei, ela acabou sendo conquistada mesmo pelo basquete. Nunca jogou o esporte, mas a modalidade chamou mais a atenção da “atleta”.

“Eu sempre joguei vôlei, mas sou uma jogadora de basquete frustrada. Como não consegui jogar, comecei a assistir. Assisto o basquete em Bauru desde 1998 e em São Paulo mais 10 anos. Quando cheguei em Bauru,

aposentada, ví que aposentada aqui só faz tricô e crochê. Cheguei aqui e tive que aprender crochê. Aí fui fazer aula de violão e conheci um pessoal. Fui ver jogo de basquete na Panela de Pressão e a partir daí não perdi mais nenhum. Todos os campeonatos, mesmo por baixo, estamos juntos. Eu sempre gostei do basquete: Hortência, Paula, Janete... aqui eu dei graças que tinha um time de basquete para acompanhar”, contou.

Quando se entrava no ginásio do Luso, onde os jogos eram disputados, era possível notar: Vera e as amigas, chamadas de “as senhoras da torcida”, estão sempre no mesmo lugar e não é por acaso. Dia de jogo é sagrado e tem um ritual especial da turma, que é composta por cerca de 10 pessoas. “Sempre chegamos 1 hora antes para sentar no mesmo lugar e tem que ser na arquibancada, porque nas numeradas não têm graça. Então, se o jogo é 18h, nós chegamos 16h50. Os seguranças todos já conhecem a gente. Quando o jogo é às 18h é meio ruim para chegar cedo, outro dia eu me atrasei e cheguei 17h15. Fui entrando e indo para o fundo e o segurança chamou dizendo ‘pode voltar aqui, lá no fundo é para quem vem de vez em quando, para quem é turista’. Isso acontece porque a gente está todo dia ali: está perdendo está ali, está ganhando, está ali”, explicou Vera.

Chegando com tanta antecedência o próprio time acabou criando relação de amizade com as “senhoras”. “Nós ficamos ali falando de basquete. Os jogadores passam para fazer alongamento e todos conversam com a gente. Outro dia, por exemplo, nós fomos almoçar no Luso e os jogadores estavam lá. Eu nem tinha visto eles, estava de costas e aí o Fischer veio, cumprimentou. Nessa uma hora antes a gente faz esse intercâmbio. A gente conversa com eles, fala “não vai dar mole”, pergunta

como está. Quando eles estão muito nervosos a gente fala que eles precisam namorar para se acalmar”, brincou. E quando alguém falta? “Quando alguém falta, o Guerrinha sabe que a gente fica tudo no mesmo lugar sempre, conhece todas, então se falta, ele vai lá e pergunta. A gente é amigo”, ressaltou.

A relação com todos do Luso é grande, mas o grupo de torcedores que acompanham Vera não é recente. Ele se formou quando a equipe ainda disputava jogos na Panela de Pressão. “A gente também chegava 1 hora antes na Panela e tinha uma turma que ficava na numerada. Eles passaram a chegar mais cedo para ficar conversando com a gente, até que decidiram ficar na arquibancada mesmo tendo a cadeira e foi assim. Na arquibancada, no meio da torcida, eles dizem que é mais emocionante: gritam, xingam. O pessoal que vive acompanhando o basquete junto (aposentados) é o pessoal que não está na telinha da Globo vendo novela”, lembrou.

Os ídolos de Vera: “Eu me identifico mais com o Fischer, Larry - pela simpatia a vontade que ele tem -, o Aleo também; e acho que o Gui é o nome do futuro. Ele é de Bauru, é novo e está indo no caminho certo. Acho que é próximo nome para estourar. O pessoal grita o nome dele, conversa com ele. Acho que com ele é diferente. A gente protege o “filho”. É uma coisa que vem de dentro dele. Ele não está jogando por jogar”, comentou.

Vera grita, xinga, gosta de ficar na arquibancada sentindo a emoção dos torcedores, mas alertou que não fica extremamente nervosa nos jogos. Segundo ela, o basquete serve como distração. “Eu não fico nervosa no jogo. A minha mãe fica. Ela grita, não quer que faça falta. Depois que acaba o jogo e ela vê que o time ganhou, é

festa. Mas eu não. Eu coloco na minha cabeça que vou para torcer para eles e para distrair. Eu sou uma apaixonada pelo esporte, tanto que mesmo quando eu jogava vôlei, eu ia assistir basquete?”

Se a aposentada pudesse, ela acompanharia a torcida organizada Fúria. “A torcida Fúria às vezes força, mas eu gosto deles, porque são incansáveis e só não viajo com eles, porque tenho minha mãe, que tem 85 anos. Mas eu acho que eles são mais guerreiros ainda. Eles vão em todos os jogos, eles gastam condução, hospedagem...”

A torcedora lamenta a falta de investimento no basquete e não quer que o time pare novamente como em 2006. “Eu considero que Bauru respira basquete. Todo mundo faz campanha para o time não sair da cidade. Quando a gente acha que o time vai perder patrocínio, a gente vai atrás, vai ao jornal. Fica todo mundo nervoso. O pessoal não tem visão de que o jogo movimenta a cidade. O setor hoteleiro de Bauru. Temos projetos de campeonatos de vôlei, não é só o basquete na Panela. Agora vai ter o Campeonato Sul-Americano, são países que vêm e usarão os serviços de Bauru. O que os empresários precisam ter é a visão de que o basquete não é só o basquete. Essa visão eles não têm e os políticos também não têm. Eles têm medo e ficam questionando besteiras. O pessoal tem de ter a visão para o futuro: tem que investir tirando criança da rua e colocando no esporte. Mas se não tiver patrocinador, não tem jeito. Minha vida seria uma droga sem o basquete, porque não tem mais nada aqui em Bauru...”, ressaltou Vera. A aposentada contou que saiu de Bauru em 2006 por ter ficado sem o basquete.

“Quando parou o time nós fomos assistir até vôlei

infantil; a gente falava que tinha dó da pobreza de investidores da cidade. Aqui não tem mais nada para fazer: bar, restaurante... quando chega lá é só comer e vir embora. A gente andou viajando esse ano que não teve. Até desfilei em São Paulo pela Gaviões da Fiel. Até palmeirense desfilou pela Gaviões porque perdeu uma aposta. A gente ia nos ensaios, experimentava fantasia, distraia”, lembrou.

Torcida organizada: Aos 26 anos, Eduardo Brocca, é o presidente da Torcida Organizada Fúria, do Baurru Basquete. O professor de natação é um verdadeiro apaixonado por esportes, em especial o basquete, no qual, já passou por bons e emocionantes momentos. Eduardo começou a frequentar as partidas do Tilibra/Copimax em 1999, quando um amigo o levou ao ginásio. Com ele não foi diferente da maioria dos que hoje são torcedores fanáticos: “foi um encanto”, definiu.

De dentro do ginásio, na arquibancada, surgiu a oportunidade de dar um passo além em sua vida como torcedor. “A Fúria estava se formando e achei legal entrar. O pessoal tinha a ideia da organizada e falei que queria ajudar. Naquele período eu era apenas sócio. E depois com a volta, em 2007, eu comecei a recuperar o projeto da torcida. Na Panela eu vi o time ser campeão Paulista, campeão Brasileiro e vice-campeão Paulista”, contou Eduardo.

Hoje, Eduardo é um verdadeiro apaixonado pelo basquete e seu olho brilha a cada palavra que remeta ao time de basquete na época em que acabou em 2006. “É complicado, chega até arrepiar de lembrar. Foi muito triste pela cidade, pelo torcedor que a gente é. Fica aquela marca que tinha acabado de conquistar o campeonato

brasileiro e de repente se encerrar o cotidiano de ir aos jogos. Foi muito triste para gente”, lembrou. Sem o time, a torcida acabou e os vínculos de amizade se distanciaram. “Foi cada um para o seu lado, a conversa era sobre outros assuntos diferentes, a ficha não caía... Com o tempo fomos nos distanciando. Até hoje com a retomada alguns contatos foram retomados e outros nem isso”, contou.

Hoje a Fúria tem 40 sócios cadastrados, além de outras pessoas que vão ao ginásio do Luso e ficam próximos à organizada, pelo clima de apoio e festa. Nos tempos áureos de Panela de Pressão, a torcida tinha em torno de 70 sócios e a cada jogo fora de Bauru, pelo menos 2 ônibus lotados de gente para apoiar a equipe.

Os torcedores cadastrados preenchem uma ficha e participam oficialmente da Fúria. Na há mensalidade. As viagens são bancadas através da “caixa”, que é preenchida com vendas de camiseta, por exemplo, ou por eles mesmos. O apoio vinha ainda através do presidente do Itabom/Bauru, Pedro Poli, que ajudava com os custos geralmente nos jogos mais importantes da equipe, como playoffs e partidas fora do estado.

A Fúria não tem sede própria, reúnem-se na casa de Eduardo quando precisam. Em dia de jogos, a presença deles é garantida 30 minutos antes de cada duelo, mas quando é final ou playoffs, as emoções ficam à flor da pele. “Em dia de jogo comum a gente se encontra lá, faltando 30 minutos do jogo. Quando é *playoff*, final, o coração começa a bater mais forte já no início do dia e nos falamos desde manhã e quando cada um vai saindo do serviço, vai se reunindo. Nos reunimos geralmente umas 2 horas antes do jogo”, explicou.

Apesar de ser “suspeito” para comentar, Eduardo destaca o diferencial da torcida bauruense, não apenas da organizada. “Não é porque sou de Bauru, mas Bauru tem a torcida que mais participa do jogo. De Limeira é fantástica, mas ficam mais quietos no jogo e embalam quando o time embala; Franca é a mesma coisa, eles ficam atrás do banco de reservas do adversário e ficam mais falando com o rival. Agora participar mais do jogo, Bauru não tem igual é desde o começo até o fim. Tem hora que cansa, que acaba a voz, mas a empolgação não tem igual”, ressaltou.

Eduardo destacou os momentos mais marcantes que viveu na torcida. “Acho que mais recente, na derrota contra o Flamengo: no quarto jogo fizemos um jogo duríssimo, os jogadores se empenharam muito e no final o ginásio inteiro aplaudiu, foi o episódio mais marcante; contra Assis também, na temporada 2009/2010, quando passamos por eles. Eles estavam com excesso de confiança e o Alex viu um membro da comissão técnica comemorando antes e entrou enfezado, no bom sentido, no jogo, ganhamos”.

Apesar do time estar firme com o patrocínio da Itabom os torcedores ainda têm medo de que investidores parem de apoiar o basquete e a equipe acabe novamente. “Se eu falar completamente que não, talvez seja excesso de confiança. Tenho menos medo hoje, mas até por não ter muita categoria de base, a gente têm um pouco de receio sim. Também torcemos para que depois da Itabom tenha mais investimentos, outros, principalmente da prefeitura”, comentou.

A relação da organizada com o time, comissão técnica e diretoria é boa, porém, Eduardo sabe que há

preconceito de algumas pessoas pelo fato de ser torcida organizada. “Deve ter gente que não goste da gente, mas vou ao ginásio pra apoiar, ajudar. O receio das pessoas vem do nome ORGANIZADA, do futebol, quando acontece algo, pensam que é a gente. Tive um episódio em um dos jogos que vieram em cima da torcida, mas não era a torcida. A gente acompanha o basquete sabe que tem os mais exaltados, mas tem preconceito sim. Quando a gente ficava atrás do banco do adversário a gente era mais cornetado. Acho que hoje a nossa imagem melhorou um pouco. Também nunca houve briga com a nossa torcida, a gente se dá muito bem com outras organizadas”, alertou.

Dentro da torcida Eduardo se considera mais um membro, mas quando acontece algo, é ele quem todos procuram. “Ser presidente é uma responsabilidade no sentido de que quando acontece algo, sou eu quem tem que resolver ou é o culpado, mas não sou eu sozinho. A gente só quer ajudar... eu nem gosto muito de falar ‘presidente’”.

Alguns atletas como Lucas e Pilar lembraram de quando vinham jogar em Bauru com a torcida contra e ressaltaram o estilo de apoiadores e corneteiros principalmente da Fúria. Hoje, no entanto, é diferente, e Eduardo concorda. “Acho que eles pegaram um pouco do momento que ficávamos atrás do banco, mas agora eles estão do nosso lado e sabem da importância que temos. Eles querem a gente do lado deles. Quando ficava atrás do banco a gente cornetava bastante e isso enchia a paciência de atletas, mas hoje a gente apoia mais que corneta”.

Para Eduardo, com o retorno à Panela de Pressão,

mais torcedores virão às arquibancadas para apoiar Bauru. “Eu acredito que aqueles torcedores que acompanhavam na Panela e não tiveram condições de acompanhar quando foi pro Luso – torcedores que hoje só vão às partidas mais importantes, ou se deslocam e não encontram ingressos - acho que esses torcedores voltarão a acompanhar o basquete na Panela. Lá pega a história do passado e acho que isso vai atrair muita gente porque muita gente vai ao jogo e aí vai lembrar dos momentos marcantes, bons e inesquecíveis”, afirmou.

Todos os membros da Fúria estão representados por Eduardo neste livro.

Torcedores dentro da equipe

O Bauru Basquete tem torcedores “infiltrados” dentro da equipe. E não é dos diretores que estou falando, mas de dois homens que além dos cinco titulares da equipe, são presenças certas dentro de quadra em todos os jogos em Bauru.

O primeiro é o “seu Zé”, já citado no terceiro quarto e que volta ao jogo agora para acrescentar a sua importância no time como torcedor. Ele é uma das figuras mais cativantes da equipe. Conversador, ele conta como foi parar dentro da equipe, há 12 anos e dela não saiu mais. Hoje ele é o mordomo e ajuda na limpeza da quadra diariamente e durante os jogos. “Eu cheguei no basquete quando deu problema hidráulico nas tabelas e fui fazer o conserto. Tive a grande felicidade de conseguir resolver o problema. Desde aquele dia não saí mais do basquete. Eu sou torcedor, mas não vejo muito jogo. Eu presto muita atenção em tombo, porque se eu presto atenção na cesta, eu não vejo o cara que se estatelou do

outro lado e tem que ficar me chamando. Eu costumeiro ver o jogo no replay. No tempo da Copimax era assim: eu via a reprise na TV *Prevê* e ainda pensava: “mas aconteceu isso e eu não vi?”, contou seu Zé.

O amor de “seu Zé” com o basquete o faz se esforçar ao máximo. Ele ajuda na faxina do ginásio, no dia-a-dia dos jogadores e nos jogos. Tudo isso mesmo com a idade e o jeitinho corcunda. Morando longe do ginásio do Luso, a rotina não é fácil. “Todos os dias eu tenho que tomar dois ônibus para vir para o Luso. Eu saio 7h30 de casa, depois vou almoçar 12h30 e volto para o Luso. Então só às 21h volto para casa”, explicou. Casado, ele destaca a compreensão da companheira. “A minha mulher é compreensiva, vê que eu estou trabalhando. Faço o que eu gosto e estou com quem eu gosto. Ela vem nos jogos às vezes, fica sentada junto com as “senhoras” e também acompanha todas as entrevistas que eu dou na televisão e nos jornais, ela guarda tudo”, ressaltou.

O ilustre torcedor também tem seus fãs. “Eu tenho que atrair o torcedor para o meu lado e sempre estar do lado deles. Se tiver zum zum zum na arquibancada, eu amenizo, sem precisar de polícia; eu recebo homenagem; aquele pessoal da terceira idade (“senhoras”) eu sempre tenho que ir cumprimentar. As mulheres me abraçam, me beijam. Com a Fúria também, que são jovens?”

Ele faz parte do time e passou pelo pior momento dentro do basquete. “Eu já vi o topo da montanha, e é gostoso, para qualquer torcedor. Mas vi também lá embaixo, no fundo do poço, e isso dói no coração de qualquer semelhante: Já fui para glória até o inferno e graças a Deus tivemos força para voltar”, completou.

Outro torcedor que convive no dia-a-dia do time é Alex Sander Martimiano, 33 anos. O roupeiro não escolheu o basquete, mas nasceu dentro dele. Logo, não teve como fugir. No caso de Alex, porém, a modalidade chegou até ele em forma de trabalho. O tio de Alex foi roupeiro no basquete e o ensinou tudo o que sabe. “Eu fiquei de 1992 a 1998 no Luso e depois fui para a Panela de Pressão, onde fiquei até o time acabar. Comecei pegando bolinha e enxugando quadra e hoje eu faço tudo o que me pedem”, contou.

Ao ser questionado se é torcedor e fã de basquete, Alex hesita e demora a admitir. “Para mim o mais importante é trabalhar com esporte. Eu não sou muito fã do basquete, prefiro o futebol”, começou, mas não conseguiu resistir: “Essa equipe aqui, não tem como esquecer, cativa você. Alguns vão embora e a gente fica triste. Aqui no basquete foi o time que me conquistou. Alguns jogadores me conquistaram ainda mais: eu conversei muito com o Gaúcho, Larry, Jeff. A gente fala na brincadeira com eles, zoa um com o outro”, lembrou.

A história de Alex no basquete como torcedor e servidor do esporte transcende a quadra e chega dentro de casa. Um pouco tímido, ele conta que conheceu a sua primeira esposa dentro de quadra, na Panela de Pressão. “Minha mulher, mãe do meu primeiro filho, eu conheci na época do Tilibra/Copimax. Ela ia assistir aos treinos na Panela e a gente começou a conversar e a namorar, depois eu não deixava que ela viesse mais”, brincou. O primeiro filho, Bryan, de 5 anos, adora basquete. Mas a família não parou de crescer. Passado o relacionamento com a primeira esposa, Alex conheceu a sua atual mulher, com quem teve Nicolas. Aos 2 anos, o filho é torcedor do time e do pai. “A minha mulher vem aos jogos

e traz o pequeno. Meus filhos adoraram. Meu filho abre o guia do NBB e mostra ‘papai, papai’. Ele tem bola, tabe-la. O mais velho principalmente adora. Pessoal não pode vir no treino, mas vem nos jogos. Se pudesse entrar no treinos também, isso aqui lotava todos os dias. Em Bau-ru eu nunca vi as pessoas gostarem tanto de basquete?’, comentou ele, que é conhecido como os jogadores. ‘Eu conheço muita gente por causa do basquete. O pessoal me cumprimenta na rua. Isso aqui é a história da minha vida”, finalizou.

Prorrogação

O basquete além do Itabom/Bauru

São 13 jogadores e comissão técnica. Esse é o Bauru Basquete que compete dentro das quadras. Fora delas, o Itabom/Bauru realiza projetos sociais, que abrangem a população carente e crianças dentro das escolas. Com o Projeto Cesta Mágica, jovens seriam tirados das ruas através do ensino do basquete e os que se destacassem, seriam incorporados às categorias de base do time. Na prática, o processo não é completado, pois não há base. na equipe.

O Bauru Basquete mandou nota sobre o Cesta Mágica:

“O projeto acontece desde 2007 e foi desenvolvido através de parcerias e apoio dos patrocinadores da equipe principal do Bauru Basquete, visando à formação do cidadão, envolvendo crianças e jovens em atividades de recreação e descoberta de novos talentos. Hoje temos parceria com a APIS (Associação de Promoção à Inclusão Social) que toma conta do projeto. São 22 núcleos distribuídos em praças esportivas da cidade, que atendem cerca de 1.200 alunos. Cada núcleo é apadrinhado por um jogador da equipe adulta, que visita o local, faz demonstrações e desenvolve atividades que incentivam a prática do basquete, fora os professores da APIS que ajudam no desenvolvimento das atividades”.

As categorias de base existentes em Bauru são

bancadas pelo Luso e não têm relação direta e financeira com o Itabom/Bauru. Um dos técnicos desses jovens atletas é Gilmar Barros, que treina a categoria sub-15 e não esconde a identificação maior com os meninos por poder ensiná-los desde o basquete, até relações sociais e de vida.

“A minha vida no basquete é longa, estou há mais de 20 anos na modalidade. Trabalhei principalmente nas categorias de base. É onde eu me identifiquei mais, onde gosto de estar atuando. De poder ensinar e dar oportunidade para esses garotos. A categoria de base do Luso vai desde os 7 anos aos 16. Eu trabalho muito a parte de iniciação do fundamento e o principal é a formação desses jovens. Tanto para quem tem oportunidade no basquete mesmo ou senão para que saibam que através do esporte a gente consegue muita coisa. O esporte só leva para o bem. Gosto de ensinar tudo que aprendi como jogador e como técnico, nas especializações dando oportunidade ao jovem para poder praticar o esporte, que, para mim, é a melhor coisa que existe na vida”, afirmou.

São anos convivendo e transformando garotos em atletas. Porém, o ciclo de formação dos jovens como jogadores não é terminado em Bauru. Ao completarem 17 anos, eles não podem mais ficar no Luso. E não conseguem continuar na cidade, uma vez que não há time sub-18, por exemplo, e os meninos não “podem” subir direto para o profissional e atuar pelo time do Itabom/Bauru.

Sem terem para onde ir, há dois caminhos: parar com o basquete ou sair de Bauru. “Temos jogadores que começaram com a gente e hoje estão em categoria de base da seleção, em times de ponta de São Paulo. Isso

acontece, porque infelizmente o apoio de alguém forte aqui em Bauru é pouco. O Luso depende de uma ajuda, porque aqui não tem apenas basquete, tem outros esportes. Então depende de parceria, de alguém para dar essa parte financeira. Formamos jogadores e graças a Deus a quantidade de jogadores que se destacam é para time bom. Graças a Deus existem outras cidades, outras pessoas que ficam sabendo e procuram a gente, porque infelizmente ninguém dá aquela força principal nas categorias de base aqui na nossa cidade”, explicou Gilmar. Mas e a equipe profissional da Itabom?

“Jogadores têm possibilidade de ir pro Itabom e é o que a gente mais quer, mas a gente precisa que aqui na cidade a categoria de base tenha uma continuidade. O Itabom vai buscar sempre ter uma categoria abaixo do time principal, é até uma regra para disputar campeonato, mas como a prioridade é o profissional, precisaria de uma outra parte para dar esse respaldo para esse jogadores continuarem, senão vão para outra cidade. Eu converso com o Guerrinha, tenho afinidade, tanto com ele, como com o Hudson, com o Joaquim, Vitinho, pessoal da diretoria. Sou amigo deles, e converso principalmente com o Hudson. A gente conversa e a gente sabe da realidade que está sendo lá também então não adianta, não posso criticar. Eu sei da dificuldade que é pra montar uma equipe. Se eles querem uma equipe de ponta, eles têm de dar o respaldo e apoio grande para poder ter”, ressaltou.

Apesar das conversas com o time principal, poucos jogadores conquistam a oportunidade com Guerrinha. Atualmente Gui joga em partidas oficiais.

Sem tanto lugar no time principal de Bauru ou em

outro time da cidade, já que não existe outro, as oportunidades para quem se destaca estão fora da cidade e Gilmar lamenta. “Não vou falar que perdemos esses jogadores, porque eles só não estão aqui porque não temos a categoria. Temos o Lucas que está no Pinheiros, o Nicolas que também foi para lá, Mateus, que foi para Limeira. Dois bons: Neto e Ian: estão em Lençóis. São jogadores que poderiam estar aqui, disputando campeonato com equipe forte e se destacando, porque são bons jogadores.”

É difícil trabalhar com jovens?

Gilmar concordou em ser técnico de categoria de base. Mas trabalhar com os meninos mais novos demanda atenção especial, a qual começa na hora de escolher os horários de treino e não termina nem quando o garoto vai para casa ou para a escola. O técnico é um paizão e cobra como tal.

“Eu sou o paizão deles. Dentro do Luso, pode ter certeza que sou o segundo pai. Converso de tudo. Oriento sobre drogas, sexualidade, para não se envolver com companhia que não valha a pena. Aqui eles treinam todos os dias. Ao ter a responsabilidade e cobrar disciplina é uma coisa de pai mesmo, porque eu tenho 15 garotos, trabalhando principalmente de 15 anos, andando por Bauru”, ressaltou Gilmar. Os horários de treinos são estratégia para manter os garotos próximos. “Se você for ver a lógica, não existe necessidade de dar treino todos os dias para esses jogadores, mas a gente prioriza para vir aqui para que eles não se percam lá fora”, completou.

Os meninos vêm de diversos pontos de Bauru. Tem gente do Jardim Redentor, Nova Esperança, Jardim América, Estoril, Paganí, Cruzeiro do Sul. São tantos

bairros que muitas vezes Gilmar, mesmo sendo de Bauru, não conhece.

Por se tratar de jovens que moram na maioria das vezes em lugares distantes, a relação do treinador com os pais é pequena. Quando tem jogo, Gilmar faz questão de conhecer alguns familiares e quando algum falta ao treino sem motivo aparente, o técnico liga para os responsáveis. “Eu sei exatamente onde cada um está, caso não venha treinar. Eu quero saber sempre o que acontece e acredito sempre na versão deles”, afirmou.

Assim, trabalhar e formar os mais jovens não é difícil, porém é necessário cuidado, atenção a eles e fazer com que esses adolescentes acreditem no técnico, mais que um jogador profissional.

A rotina de basquete

Apesar dessa parte do jogo mostrar que falará sobre o basquete em Bauru além do Itabom/Bauru, não há como citar a modalidade sem falar do espelho que o time profissional é para esses garotos. Os meninos frequentam os jogos ao máximo que podem, veem o treino dos mais velhos ou até ganham ingressos para que assistam às partidas oficiais.

“Os meninos também são torcedores, mas eles não têm acesso livre. Nós ganhamos alguns convites por jogos, mas temos números limitados de convites que eu passo para os jogadores. É uma briga para conseguir, eu faço disputa dentro de quadra. Infelizmente não temos acesso aberto aos jogos. Mas eles adoram. É o espelho para eles. O que eu sinto falta é isso, mas a gente sempre dá um jeitinho”, ressaltou Gilmar.

Os garotos também viam os treinos no Luso do time profissional, pois o horário de treinamento deles sempre foi todos os dias, antes da equipe do Itabom/Bauru no Luso.

As categorias de base sofrem com a falta de investimentos de patrocinadores, mas eles têm um apoio da prefeitura, diferente do Itabom/Bauru.

“O que falta é investimento. Com investimento consegue tudo. Temos dificuldade de bola e uniforme. A prefeitura ajuda na parte de condução. Todas as viagens estão sendo feitas com ônibus da prefeitura. A ajuda deles é muito útil. A parte financeira teria de ser de patrocínio mesmo. Tem time que tem patrocinador que ajuda a pagar lanche, despesa de viagem e tudo. Infelizmente não temos isso. A categoria de base tem custo menor, eu não entendo porque não investir. É através da base que vai dar o retorno mais para frente, mas acho que não dá o retorno de mídia, por isso pega mais essa coisa de patrocínio”, comentou Gilmar.

O ex-dirigente sente a falta de base em casa

As categorias de base do Luso oferecem espaço a jogadores de até 16 anos. Justamente a idade de Gustavo, filho do “presidente que não tomou posse”, Sérgio Domingues, apresentado no intervalo deste jogo.

Gustavo foi apresentado ao basquete pelo pai e se apaixonou. Ele joga na base do Luso desde muito pequeno e quer seguir a carreira profissional. Porém, para isso, o adolescente terá que deixar Bauru por conta da idade, que se aproxima e da falta de time para que ele continue.

“Não só o meu filho, mas é triste se ver jogadores daqui tendo que ir para fora. O Gustavo já recebeu proposta de um time da Espanha, mas não aceitamos por causa da escola, que não era oferecida pela estrutura da equipe de lá”, contou Sérgio, que lamenta não apenas pelo filho, mas também por outros que têm de deixar Bauru.

Quando ficar mais velho, não vai ter jeito: ou o menino deixa o basquete, ou Bauru. “Eu não vejo um futuro para o meu filho em Bauru. Já existe uma dúvida do momento em que ele fizer 17 anos. Será que vai ter categoria para ele? Hoje eu falo que aqui em Bauru não tem futuro para eles. Não só para o meu filho, mas para todos eles que treinam no Luso”, comentou.

Apesar dos meninos treinarem todos os dias no Luso, no horário antes do time profissional e “encontrar” os jogadores após o treinamento, para Sérgio, é pouco. “Uma queixa que eu tenho é que quando tem jogo nosso (Base), não tem ninguém da categoria principal aqui. Imagina eles (jogadores da base) jogando e ter alguém de lá aqui. O empenho e o interesse mudam. O Hudson aparece, o Guerrinha, não. O Hudson está vendo se tem algo, mas para eles seria muito importante algum jogador torcer por eles, incentivar a meninada. Eles vão jogar mais. Seria ótimo no treino deles aparecer um Larry ou um Fischer, só para dar uma palavra... a motivação seria diferente”.

Apesar de ter deixado de cuidar de perto do time profissional, Sérgio está imerso nas categorias de base. Assim como outros pais de adolescentes que disputam jogos pelo time de Base do Luso, Sérgio ajuda com dinheiro. “Algumas viagens que têm que fazer, eu e alguns pais assumem o papel de ‘patrocinador’. A gente está fa-

zendo o que o filho gosta e não tem nada melhor, mas seria muito bom um apoio para ter um time mais forte. Perdemos garotos o ano passado que foram para times como o Limeira, Pinheiros, que têm uma categoria de base mais forte. Bauru não tem isso, mas não é culpa do Luso: o clube dá o apoio que tem condições. Agora, porque uma prefeitura não dá um apoio para eles?”, indagou.

Poder público x basquete

É evidente o distanciamiento do Bauru Basquete e do poder público da cidade. Há um muro invisível entre os dois, onde quem sai perdendo é o esporte e a população. ‘Trancados’ no Luso, a diretoria e a comissão técnica, além de torcedores, pedem olhos mais carinhosos sobre a modalidade, que lota os ginásios.

Desde o retorno em 2006 o basquete paga aluguel ao Luso, as viagens para jogos fora da cidade e taxas de arbitragem, algo criticado nos bastidores do esporte. Eles se sentem não vistos pelo poder público e o poder público, de certa forma, acredita demais na iniciativa privada nesse caso. Esse jogo de críticas não é discutido frente a frente. O Bauru Basquete “chora” de um lado, a Secretaria de Esportes e Lazer (Semel), chora de outro. Enquanto, isso, tudo é resolvido burocraticamente ao longo de anos. No caso da Panela de Pressão foram 2 anos de espera para que o ginásio fosse reformado para que seja utilizado “por todas as modalidades”, como faz questão de frisar o secretário de esportes, José Carlos Batata.

“O Bauru Basquete é uma equipe de iniciativa privada. O contato com a Semel se dá do ponto de vista institucional, mesmo porque não é a função influenciar na diretoria. Tudo aquilo que cabe a parte pública para

incentivar, ela (Semel) tem feito’, ressaltou o secretário lembrando da reforma da Panela de Pressão.

Porém, para o basquete utilizar o ginásio na Vila Falcão, será necessário diálogo. No Luso são 2 períodos de treinos diários, na Panela isso pode ser um pouco mais difícil. ‘A Panela é da comunidade e a população gosta, tem a Panela como símbolo. Além disso, temos outras modalidades com grandes equipes (vôlei, handebol, futsal). São grandes equipes que também precisam de ginásio adequado. Faremos um convênio e nesse convênio estipularemos o que o basquete usará da Panela e em que horários’, explicou Batata.

Além da demora para a reforma da Panela de Pressão, prefeitura e basquete tiveram outra queda de braço, onde o poder público foi quem pediu ajuda da modalidade. ‘Em 2011, nós tivemos problemas, porque pedimos 2 jogadores para a disputa dos Jogos Regionais e eles cederam apenas um e um dos jogadores, o Gui, não estava tendo participação efetiva na equipe. Eles não cederam. Espero que nos próximos jogos, onde a representação da cidade se dá, eles possam ajudar mais’, alertou o secretário, que quando perguntado se resta mágoa por conta do episódio, preferiu não responder e completa dizendo apenas que espera que nos próximos jogos, o time de basquete possa ceder os jogadores.

O fato ocorrido gerou discussão em público entre secretário, o prefeito, Rodrigo Agostinho, e o Bauru Basquete, que mandou uma nota oficial sobre o assunto à toda a imprensa bauruense, explicando que não cedeu o jogador, porque o elenco, na época (1º semestre de 2011), estava reduzido.

“A Associação Bauru Basketball Team destaca o seu posicionamento em relação às críticas e protestos infundados feitos pelo Secretário de Esportes de Bauru, José Carlos Batata. Entendemos a seriedade do esporte e toda sua representatividade para a cidade de Bauru. Desta forma, acreditamos que deveria haver mais profissionalismo por parte do secretário, assim como, um maior conhecimento de todos os fatos antes de tomar qualquer posição. Isso porque, em momento algum nos foi encaminhado um ofício pedindo a liberação de algum de nossos atletas.”

De qualquer forma, ressaltamos que é necessário o mínimo de conhecimento e informação antes de criticar o comprometimento de toda uma diretoria que mesmo sendo voluntária, realiza um trabalho com muita seriedade, visto que o jogador Guilherme Cabette Lazzari, o Ferrugem, participou dos jogos regionais, invalidando assim, a acusação do Sr. Secretário. A Associação preza muito pela cidade e por seus torcedores, o que já foi declarado inúmeras vezes por todos os envolvidos, principalmente quando ofereceram outras cidades para representar e mesmo com toda dificuldade que atravessamos, em nenhum momento aceitamos tais convites.

Sendo assim, gostaríamos de esclarecer que a liberação de outros jogadores ficou impossibilitada pelo fato de não termos atletas suficiente para treinar, já que Larry Taylor e Douglas Nunes estavam com a Seleção Brasileira. Devido ao número reduzido de atletas, tivemos que pedir para que o ex-jogador, Rafael Quiroga e os jogadores Edu, Everton e Vinícius completassem o elenco durante os treinamentos. Lembramos também, que no ano de 2010, liberamos nossos jogadores para os regionais e nossa colocação foi pior do que a deste ano em que tivemos apenas um de nossos atletas presente, portanto nada justifica as

críticas do Sr. Secretário.

Para completar, gostaríamos de destacar que a reformula da Panela de Pressão não está sendo feita apenas para o basquete, e sim, para atender a cidade de Bauru. O apelo para que os vereadores aprovassem a reforma veio de toda a população e não apenas do Bauru Basket. Lembremos ainda que Bauru é uma cidade com aproximadamente 400 mil habitantes e em 2012 receberá os Jogos Abertos. É mais do que uma obrigação nossa cidade ter um ginásio decente e adequado para atender outras equipes e modalidades variadas. Ou seja, relacionar esta reforma com a impossibilidade de liberação de nossos atletas para os Jogos Regionais só nos causa mais estranheza aos reais motivos dos protestos realizados pelo sr. Secretário.”

Apesar das desavenças, a Semel faz questão de mostrar os recursos legais para que o basquete seja mais ajudado pelo poder público. “Taxa de arbitragem somos proibidos por lei. A lei impede que façamos aporte financeiro. O que temos é a lei de incentivo ao esporte. Cada empresário paga o ISS (Imposto Sobre Serviço) à prefeitura. Com a lei ele paga 95% de ISS e os 5% ele faz o que quiser. Fora isso estamos reformando a Panela de Pressão, que reformado terá capacidade para 3 mil lugares. Hoje o basquete paga o aluguel e deixará de pagar e usará o dinheiro em benefício próprio”, completa.

Categorias de Base

O secretário de esportes, José Carlos Batata faz questão de ressaltar a representatividade de Bauru que o esporte traz. Para ele, a maior representação de uma cidade no meio esportivo se dá através de Jogos Regionais e Jogos Abertos. No entanto, as categorias de base

que formam atletas para modalidade de quadra, como basquete, em Bauru vêm do Luso.

Foi mostrado neste período de jogo o que acontece com os jogadores no Luso: vão embora ao completarem 17 anos por falta de categoria acima do sub-16. O secretário quer mudar isso e acredita em um projeto, que já está firmado entre Bauru, a Confederação Brasileira de Basquete e uma empresa de telefonia, que entra como patrocinadora.

“Estamos criando 4 pólos de formação de basquete, com supervisão da CBB. Semel entra com professores, CBB com material e treinamento e o patrocínio da empresa com a parte financeira. Só isso, por si só, já favorece a inserção dessas crianças na modalidade. Esperamos 2 mil crianças em 4 pólos. Nós já assinamos o contrato. São crianças de 10 a 17 anos. Estamos trabalhando para formação, mas que visa alto rendimento e a tendência é formar os jovens e alimentar os times principais. O Itahom poderá pegar esses jogadores para o time principal. A ideia é essa e manter esses jogadores em Bauru”, complementou.

Segundo Batata, por conta dos Jogos Abertos de 2012, disputados em Bauru, as parcerias entre a Semel e os clubes da cidade foram intensificadas. As parcerias são com o Luso, Hípica e BTC (Bauru Tênis Clube), cada um com seus esportes.

As meninas

A equipe sub-21 de basquete feminino foi formada em 2011 para disputar os Jogos Regionais de Barra Bonita. As meninas conquistaram o título, que rendeu a vaga

nos Jogos Regionais de Mogi das Cruzes, disputado no final de 2011, no entanto, as incertezas em torno do futuro como atleta fizeram com que as atletas preferissem prestar provas de vestibulares a competir.

Segundo o coordenador da modalidade, Dante Rossini falou ao jornalista Gustavo Longo, quando da disputa dos Jogos Abertos ficou condicionado que se a competição no final do ano atrapalhasse a preparação para o vestibular, elas não disputariam. Esse foi o preço pago por Bauru, que ganhou, mas não levou.

O sub-21 de 4 bauruenses

Gui, Ferrugem, André e Lucas têm menos de 21 anos e no final do Campeonato Paulista fizeram uma maratona para a disputa da Liga de Desenvolvimento Olímpico, que foi realizada em São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais. O Itabom/Bauru disputou a competição com os quatro jogadores e mais atletas do Regatas Campinas, que completaram a equipe.

Como os jogos bateram com os *playoffs* do Campeonato Paulista, quando o Itabom/Bauru brigou pela vaga na final contra o São José dos Campos, Gui, André, Lucas e o auxiliar Hudson fizeram uma maratona para participar das duas equipes. De ônibus, eles voltaram para Bauru na véspera da segunda partida e ajudaram o time principal a empatar a série de *playoffs* o que não bastou, pois o time acabou eliminado.

Enquanto os 4 ficaram fora, nos treinamentos Guerrinha precisou de um jovem da equipe de base do Luso, ou não teria 10 jogadores para realizar treinos.

Um pouco de diálogo

Quase no final da prorrogação de jogo, uma cesta de três pontos do técnico Guerrinha e da prefeitura municipal dá o primeiro passo para que pelo menos em questões de crianças e jovens o Itabom/Bauru e o poder público possam se juntar.

No final de outubro de 2011, a então secretária de educação, Vera Casério e o técnico Guerrinha se reuniram para discutir sobre o desenvolvimento de um projeto que tem como objetivo massificar o basquetebol no Brasil.

O projeto deve ser desenvolvido nas escolas públicas de Bauru. Em princípio, a ideia é capacitar os professores de educação física do ensino fundamental da rede pública de Bauru. A intenção é passar aos professores um jeito simples e dinâmico de trabalhar com crianças na faixa etária de 7 a 14 anos.

“Iremos dividir esse curso em duas etapas, uma primeira aula teórica, onde iremos apresentar o material didático e ouvir as necessidades dos professores para adequar o projeto da melhor maneira. A segunda parte será uma aula com os próprios alunos para aplicarmos esta teoria,” explicou o técnico Guerrinha à assessoria de imprensa da prefeitura municipal.

A Secretária da Educação, Vera Casério, comentou sobre o trabalho que o Bauru Basquete e Guerrinha irão promover. “É uma honra ter o Bauru Basquete e o Guerrinha se oferecendo para este trabalho voluntário. É importante para a secretaria, mas mais importante para nossos alunos e professores que terão a oportunidade de

aulas, encontros e atividades que geram a qualidade de ensino. A Secretaria de Educação está agradecida por esta oportunidade”.

Vestiários

O que não é visto das arquibancadas

A família Bauru Basquete se dá bem, conquistada admiradores, faz a sua parte dentro de quadra e também é admirada fora do local de trabalho. Mas, toda família tem seus desentendimentos, cobranças e frustrações. No Itabom/Bauru não é diferente. Apesar de não influenciarem no placar final dos jogos, as briguinhas e episódios para abalar o clima calmo acontecem.

Cobranças nada delicadas

Frequentando os treinos, conversando com quem trabalha na rotina do basquete e indo aos jogos, é possível perceber que a forma de Guerrinha “educar” os jogadores não é através de mimos, mas de muita cobrança e até gritaria.

Como o próprio Guerrinha afirma, nos treinos não há tempo para troca de carinhos e conversinha mole. É trabalho e mais trabalho. O técnico faz questão de 2 horários de treinos diários com duas horas de duração divididos entre academia e treino com bola. “Fazemos pizzata lá em casa. Aqui não dá pra namorar, viemos para trabalhar, temos que ficar concentrado. Não dá pra ficar rindo no jogo, mas a expressão é de concentração”, ressaltou o treinador.

No entanto, o clima pesa de tanta concentração.

Em alguns treinos, o técnico é carrasco e sai até palavrão. Em um dos treinamentos frequentados, o mais cobrado foi Gui, que ao não executar exatamente o que Guerrinha pediu trocou palavras ásperas com o técnico e acabou substituído por algum tempo. Gui nem chegou a ir para o banco, ficou na lateral da quadra tentando esfriar a cabeça. Logo depois, retornou aos trabalhos com a expressão muito séria.

Para os jogadores, o jeito carrancudo de Guerrinha é rotina nos treinamentos. Os que não conseguem se acostumar e encaram o comandante têm vida curta na equipe; os que entendem, mas preferem distância têm um relacionamento mais íntimo com o auxiliar Hudson, que é mais calmo; os que encaram as cobranças positivamente veem no treinador um símbolo de competência.

Douglas, por exemplo, tem contato mais próximo com o auxiliar, mas sabe que as cobranças de Guerrinha e o jeito nervoso não se refletem fora de quadra. “Questão do técnico é dentro de quadra e fora de quadra é diferente, mais duro e tal. Depois do treino você pode ter a tranquilidade de chegar e conversar. Eu tenho uma amizade muito forte com o Hudson, com o Guerrinha eu espero criar mais um pouco de laço”, contou Douglas.

Conversando com membros da imprensa, que cobrem diariamente a modalidade, é possível notar que nem tudo são flores no relacionamento dentro da equipe. “Tem muitos palavrões e alguns jogadores não gostam do Guerrinha”, afirmou o jornalista esportivo Gustavo Longo, que cobre a equipe há 2 anos.

Ainda falando de treinos, como pais cobram seus filhos a fim de educa-los, Hudson e Guerrinha fazem

igual com os jogadores. Eles chegam até a ameaçar uma espécie de castigo caso o combinado não seja cumprido. Atrasos em treinos, por exemplo, “não são tolerados” e são penalizados com uma espécie de multa. Os atletas têm de pagar à caixinha do time. O dinheiro arrecadado pelas multas é revertido em churrasco.

Dentro de quadra

Quando o time está ganhando, é normal uma relaxada. Porém, no basquete, essa relaxada pode custar a vitória, pois tudo é muito rápido. Não é difícil ouvir nos bastidores que os jogadores pegam mais leve com o adversário quando está a alguns pontos à frente do placar. O presidente Pedro Poli e o técnico Guerrinha não gostam nada disso.

“Esse time joga assim, com garra, mas às vezes tem de dar puxão de orelha neles e já perdemos jogos por achar que poderíamos ganhar a qualquer momento. Quando é assim, eu me envolvo. O time é do Guerrinha, mas eu peço licença pra ele e vou. O Guerrinha acha bom, porque só um falar às vezes não adianta. Então eu entro no vestiário, e quando tenho que dar bronca, eu dou branca, mas acho que tem que ser com sabedoria e chamar ele para a responsabilidade. Hoje temos um projeto que temos de ter muita responsabilidade e sermos determinador. Temos muito patrocinadores e gente envolvida, são muitas emoções, então, é jogar sempre com determinação. É normal do ser humano um relaxamento, agora cabe ao técnico, que faz isso muito bem e a diretora dar um apoio para o pessoal se manter mais atento”, ressaltou Pedro Poli.

Pelo Campeonato Paulista de 2011, no primeiro

jogo do *playoff* semifinal contra o time do São José dos Campos, um exemplo de falta de dedicação da equipe, que deixou o técnico Guerrinha Louco no banco de reservas. Com um salto alto enorme, os jogadores acabaram perdendo a partida por 77 a 74 no último segundo. “Faltou atitude, atitude e defesa”, ressaltou o treinador furioso e com os nervos à flor da pele após a partida.

A imprensa também percebe essa atitude da equipe e acaba traduzindo isto, quando precisa, nas coberturas diárias. Mesmo sabendo que o fato acontece, o técnico Guerrinha não gosta nada.

“No retorno do último NBB, o Itabom/Bauru iria enfrentar Limeira pela quarta vez no ano - além dos dois jogos pelo Nacional, aconteceram dois jogos pelo Paulista. Nas três primeiras partidas, o rival conquistou nada menos do que três vitórias sobre o time bauruense, uma situação atípica na temporada. Por tudo isso, resolvi usar o gancho de freguesia, para dar uma provocada mesmo. A matéria de apresenta do jogo veio com o título ‘Contra a Freguesia’, mas na ocasião o Itabom/Bauru conseguiu sua primeira vitória”, contou Gustavo Longo. Mas a história estava apenas começando. A repercussão da matéria não foi boa no time.

“No dia seguinte estive novamente no ginásio da Luso, para acompanhar o treino do basquete. Ao me ver, o técnico Guerrinha chegou até mim e comentou: ‘Que matéria boa você fez, hein?’. Já acostumado com o estilo dele, na hora conclui que se tratava da matéria contra o Limeira e respondi com a mesma ironia: ‘Gostou?’. Eis que Guerrinha resolve continuar o papo. ‘Gostei nada. Por que freguesia? Não tem disso.’ Tentei argumentar que isso faria os jogadores correrem mais, para provar justa-

mente que não são fregueses, mas o treinador continuou. ‘Eles nem leram isso. Eu, por exemplo, nem leio o BOM DIA. Mas como ele não lê o jornal em que trabalho e sabe o que sai e o que não sai do basquete? Ainda mais quando dias antes ele me elogiou sobre outra matéria que eu tinha feito sobre a equipe!’.

Apesar de não gostar de ver o time recebendo críticas por parte da imprensa, Guerrinha também não gosta nada de ver a sua equipe perder. Ele fica nervoso, cobra ainda mais dos jogadores e chega ao ponto de não ir ao treino seguinte após a derrota. Esse episódio aconteceu depois do time perder para o Limeira, pelo Campeonato Paulista de 2011. O técnico Guerrinha não foi ao treino do dia seguinte no Luso. No ginásio, o clima não estava tão pesado quanto se esperava após uma derrota. Os jogadores treinaram normalmente sob o comando do auxiliar Hudson como se nada tivesse acontecido.

O exagero do torcedor

Não é porque a relação entre jogadores e torcida é boa que episódios desagradáveis não acontecem. Na hora de torcer, os sentimentos são muitos: amor, raiva, nervosismo, tensão e até violência.

Um dos episódios mais marcantes envolvendo exageros de torcedores ocorreu no Campeonato Paulista de 2010, em uma partida contra o Pinheiros, no Luso. Após o jogo, torcedores que não foram identificados jogaram uma pedra dentro do vestiário do árbitro Sérgio Pacheco, que foi atingido nas costas.

Membros da torcida organizada Fúria foram acusados como responsáveis pela agressão. “Todos acharam

que foi a gente, mas não foi. Isso vem do preconceito por ser torcida organizada”, ressaltou o presidente da Fúria, Eduardo Brocca. A Fúria, inclusive, divulgou uma nota de repúdio à atitude do torcedor à imprensa.

A Torcida Fúria, através desta carta, vem se manifestar publicamente a respeito dos eventos ocorridos no último dia 18/09/2010 durante o jogo entre Itabom/Bauru/Basketball e Esporte Clube Pinheiros, em virtude do incidente ao final da partida, em que uma pedra foi atirada através da janela do vestiário destinado aos árbitros, infelizmente atingindo o árbitro Sr. Sérgio de Jesus Pacheco. Lamentamos o acontecimento de tal fato, e ressaltamos que a Torcida Fúria repudia veementemente atos de violência e vandalismo, tais como o acontecido no referido jogo. A Torcida Fúria não incentiva nem aprova nenhum ato que possa colocar em risco a integridade física de qualquer pessoa, e esperamos que jamais ocorra novamente tal atitude vil e bárbara praticada por um torcedor inconsequente, pois os únicos a terem prejuízos são o time (que corre o risco de ser penalizado seriamente junto à Federação Paulista de Basquetebol) e a torcida (que fica com a imagem prejudicada). Desejamos que tal fato não interfira no bom andamento do projeto do Itabom/Bauru/Basketball, e também não prejudique a imagem do time perante aos patrocinadores, apoiadores, e amantes do basquete. A Torcida Fúria se coloca à inteira disposição da diretoria do Itabom/Bauru/Basketball no sentido de auxiliar na identificação do autor da agressão contra o árbitro.

A diretoria do Itabom/Bauru também divulgou nota de repúdio:

A Associação Bauru Basketball Team, em nome de todos os seus diretores, atletas, comissão técnica e colabo-

radores, repudia veementemente a ação ocorrida após a partida do último sábado, contra o Pinheiros, no ginásio Comendador José da Silva Martha, na Luso, em Baurru, quando uma pedra foi arremessada na parte de fora do ginásio para o interior dos vestiário dos árbitros.

Ações como essa, apenas prejudicam a equipe Itahom/Baurru em todos os âmbitos. “É um episódio triste. Foi uma ação que nós do Baurru Basket não tínhamos como prever ou evitar. A janela dos vestiários dos árbitros estava fechada com uma tela de proteção, que foi arrancada para arremessar a pedra. Lamentamos que isso tenha ocorrido com o (Sérgio) Pacheco, um dos melhores árbitros em atividade no Brasil.

Agora, não basta ser correto é preciso parecer correto. O fato de um dos árbitros ter dado muita conversa a alguns jogadores, provocou um clima de tensão com a torcida. E o torcedor toma atitudes que a gente não pode prever. Para evitar maior confusão, acompanhamos todos os árbitros até os seus veículos e demos a assistência necessária naquele momento. Espero que a Federação (Paulista de Basquete) pondere no julgamento, pois foi uma ação que não pudemos prever”, comentou Pedro Poli, presidente do Baurru Basket.

“Nos últimos tempos, o Baurru Basket está tentando construir uma boa imagem, com transparência e atitudes relevantes para a sociedade. Além disso, a equipe ocupa as melhores posições nos principais campeonatos. Atitudes como a ocorrida no sábado, prejudicam a imagem do Baurru Basket e podem por todo esse trabalho a perder”, relata Juliana Poli, diretora de comunicação do Baurru Basket.

“Foi um caso isolado. Lamentamos o fato de isso

ter ocorrido com o (Sérgio) Pacheco. Erros de arbitragem têm sido constantes e isso acaba provocando uma reação negativa do torcedor. Lamentamos, pois estamos sujeitos a uma punição. E isso não acrescenta em nada ao nosso projeto”, afirma Joaquim Figueiredo, vice-presidente do Bauru Basket.

O Bauru Basket esclarece que em todos os jogos na Luso, o torcedor recebe orientações via locutor e cartazes espalhados pelo ginásio atentando para um bom comportamento durante as partidas. Toda a diretoria do Bauru Basket faz um apelo ao torcedor, para que tenha atitudes corretas nos jogos em Bauru.

“Precisamos de atitudes positivas de todos os torcedores, pois em nossos jogos temos torcedores de todas as idades, que estão começando a gostar de basquete ou que já acompanham o esporte a tanto tempo. Precisamos respeitá-los”, disse Pedro Poli.

O Bauru Basquete correu o risco de perder mandos de quadra por conta deste episódio, mas acabou tendo de pagar multa de R\$1 mil.

No jogo contra Mogi das Cruzes, pelos *playoffs* do Campeonato Paulista de 2011, o clima também esquentou na torcida no Luso. Um desentendimento entre torcedores levou à administração da equipe solicitar a entrada da polícia no ginásio. Geralmente uma viatura fica do lado de fora do Luso.

Episódios comuns nos jogos são os que envolvem o banco de reservas adversário e os jogadores visitantes. Apesar da solicitação de mudar a Fúria de lugar, pois antes era a organizada que ficava atrás do banco de reser-

vas rival, alguns torcedores mais fanáticos frequentam o ponto da arquibancada e durante as partidas xingam e ironizam os outros atletas, que algumas vezes encaram a provocação, sendo necessária a presença de seguranças.

Leandrinho

O jogador Leandrinho atuou em Bauru durante o período do Tilibra/Copimax, mas deixou a equipe e até hoje diretoria e o próprio jogador trocam farpas. A última veio quando o armador resolveu cobrar supostas dívidas trabalhistas da época do Tilibra/Copimax da equipe atual Itabom/Bauru. O gerente Vitor Jacob respondeu ao atleta através de nota.

“Larry Taylor é muito mais “brasileiro” do que Leandrinho e Nenê juntos. Já sabemos, mas isso ficou comprovado vendo o prazer, a paixão e a dedicação que o Larry teve ao atender a convocação da Seleção Brasileira.

Para nós bauruenses não houve nenhuma surpresa, pois conhecemos o Larry bem como os dois desertores. Nenê nunca mostrou vontade em defender a seleção Brasileira e quanto ao Leandrinho, o que esperar de uma pessoa que abandonou a equipe de Bauru durante um campeonato e nunca mais voltou nem para dizer obrigado. Sua total INGRATIDÃO e desrespeito pela cidade e pelas pessoas que aqui sempre lhe deram suporte é tanta, que nunca ouvimos em nenhuma entrevista o agradecimento dele aos que lhe deram a oportunidade de chegar onde ele chegou

Além disso, o Leandrinho entrou com um processo trabalhista (Pasmem) contra a Associação Bauru Basquete, pedindo 30.000 reais, processo esse que hoje atrapalha o desenvolvimento e até ameaça a continuidade do ITA-

BOM BAURU, uma equipe nova que defende a cidade e desenvolve um projeto social importante. Sendo assim, só nos resta afirmar que Larry é muito mais Brasileiro que Nenê e Leandrinho.

Tenho certeza que esse grupo da Seleção Brasileira nos levará de volta à disputa das Olimpíadas e temos muito orgulho de ter dois “Bauruenses” nos representando.

Em Tempo, parabéns ao Varejão, Splitter, Huertas e todos os convocados que atenderam o chamado de sua Gloriosa PÁTRIA”.

Marias-Cesteiras

Quem nunca ouviu falar das “Marias-Chuteiras”, aquelas mulheres que se produzem todas e vão aos jogos e eventos onde têm certeza que encontrarão jogadores de futebol a fim de seduzi-los e ganharem status e visibilidade na mídia? No basquete de Bauru não é diferente. As “Marias-Cesteiras” são presença garantida nas partidas.

De salto alto, maquiagem, cabelo bem feito e sorriso de orelha a orelha, elas querem chamar a atenção dos jogadores dentro de quadra. Depois das partidas, penduram-se na espécie de grade que separa a torcida da quadra e se insinuam aos atletas. Após uma vitória, por exemplo, é difícil resistir.

Os jogadores comprometidos também são alvo delas. Fischer, por exemplo, é muito assediado, por ser um dos ídolos da torcida. Ele é casado e tem de driblar as Marias e ao mesmo tempo ser educado, pois elas não também são fãs da modalidade. Outros, no entanto, não fogem muito. Solteiros não deixam as meninas desam-

paradas e dão atenção às investidas delas, que são a maneira mais fácil do atleta comemorar uma vitória, por exemplo.

“Bauru é a única cidade do país que tem time de futebol, mas não tem Maria-Chuteira. Em compensação, é fácil perceber o movimento de Marias-Cesteiras. Os jogos de basquete atraem muitas mulheres, até meninas, que acompanham mais pela beleza física dos jogadores do que pelo jogo em si. Os alvos são os alas Fischer e Pilar, mas os norte-americanos Larry Taylor e Jeff Agba também possuem fãs. Tem dias que geralmente atrasa minha cobertura e fico esperando o motorista do jornal me buscar. Enquanto o ginásio fica praticamente vazio, é comum observar duas, três e até quatro mulheres que esperam os jogadores saírem do local. Provavelmente esperando algum atleta solteiro”, contou o jornalista Gustavo Longo.

Aparentando estar envergonhado, ou não, o jogador Pilar admitiu o assédio, mas destacou que não sai com as meninas que investem nos atletas em quadra após os jogos. “Geralmente as meninas dos jogos são muito novinhas. Elas vêm até a gente, porque ficamos expostos, principalmente depois que ganha, a gente fica com uma imagem gloriosa, mas são meninas muito novinhas, não dá”.

Nas redes sociais as investidas das mulheres são maiores ainda, mas é preciso cuidado. “Facebook é uma coisa muito promiscua. Tem uma menina de 15 anos que fica falando que me ama e manda beijo, eu tomo cuidado com isso e agradeço, mas evito até mandar beijo para ela. Se alguém vir, pode pensar coisas que não existem. Imagina, a menina tem 15 anos”, contou Pilar.

O pivô tenta, tenta, mas não consegue puxar em sua memória algum episódio que tenha saído com alguém de dentro do ginásio. A popularidade dele, segundo ele, cresce mesmo nas redes sociais. “Quando ganhamos chove solicitação de amizade no facebook. Quando perdemos, nada...”, comentou.

Pilar não admite suas aventuras, mas deixa no ar sobre seus companheiros de equipe e não livra nem os comprometidos. “Esse mundo está tão corrompível...”, finalizou.

O mundo está corrompível mesmo. Gustavo Longo conta mais um pouco do que já viu dentro de quadra após as partidas. “Já vi jogador pegando telefone de menina. Quando ganha, eles começam a desfilhar na quadra. Jogadores ficam indo de um lado para outro. Para o Pilar, todo final de jogo tem 3 ou 4 meninas em cima dele para conversar”.

Em tempo, para matar a curiosidade das Marias que estão acompanhando este jogo, Douglas, Thyago Aleo, Gaúcho, André, Alex e Lucas são comprometidos.

Quando o livro foi fechado, em 2011, Fischer era casado e tentava evitar o assédio mais pesado. No entanto, o relacionamento do jogador chegou ao fim. “As más” línguas cravam que a marcação individual das Marias foi um dos pontos determinantes para a separação.